# CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | SABBAD 23 DE JUNHO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:702


E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.


SUMMARIO:—ACTUALIDADE—DISCIPULO QUE NÃO HONRA O MESTRE.—A VERDADE HISTORICA.—AINDA A QUESTÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS.—AGRADECIMENTO.—NOTICIARIO.—CARTA DE LISBOA.—COMMUNICADOS, ALERTA!—PARTE OFFICIAL.—REPOSITORIO.—PAGINA LITTERARIA: OS MAIAS, *por Eça de Queiroz*. CORREIO DE LISBOA.


## AVEIRO

### ACTUALIDADE

Com esta epigrafe publicou hontem no *Reporter* o sr. Oliveira Martins um notavel artigo sobre a questão do dia. Veio elle de molde, hoje que se levantou ahi a cruzada da intransigencia contra pessoas e cousas, o que é para lamentar quando se invocam as leis e a liberdade, que não consentem que os tolerados pela monarchia affrontem as garantias que o nosso regimen politico confere a tudo e a todos, uma vez que gravitem na orbita que lhes está marcada pelo pacto fundamental.

O grupo que está fóra da legalidade existente representa e faz comicios, não para assegurar em seu proveito as conquistas da liberdade, não para manter intemerata a sua fé partidaria, não para fazer proselitismo nos arraiaes adversos por meio da excellencia das suas doctrinas, e da virtude dos seus actos, que deviam ser do mais subido quilate—mas em nome da intolerancia descaroavel, que não admitte que no serviço dos hospitaes civis estejam mulheres que por temor de Deus e por dedicação á humanidade se consagraram aos rudes e improbos trabalhos de curar enfermos desvalidos, de os confortar nos lances affilictivos da vida, sem o estimulo do stipendio, sem o espirito de mercantilismo que avassalla a gente mercenaria!

Para elles, os intransigentes, a presença das irmãs hospitaleiras, e a sua missão de caridade são uma affronta ás leis, que elles insultam diariamente em desproveito do proximo. Atacam a constituição, injuriam a monarchia, desprestigiam a coroa, e como lhes toleram as impertinencias e até os crimes, entendem que devem ir mais longe, proscrevendo Deus, negando o principio de familia e pedindo em berros descompostos a expulsão das casas hospitalares do pessoal, que o exemplo, a abnegação e a caridade aconselham a que seja alli conservado para alivio dos que soffrem, dos que nos dias de provação vão encontrar nas enfermarias, ainda ha pouco em miseravel abandono, o conforto do corpo e da alma!

Mas porque é que os que tanto precisam da tolerancia do partido liberal monarchico, se mostram intransigentes com os que seguem na terra os preceitos do Christo, quando elle ensinava aos povos a fraternidade, apostolando a liberdade e a egualdade? Pois querem loucamente levantar a guerra de religião? Querem offender as crensas populares, perturbando com declamações desconexas e mal cabidas o viver pacifico de uma população laboriosa e morigerada, para quem o christianismo é lei, e para quem o respeito á auctoridade é dever e honra?

Para lastimar é semelhante proposito, muito principalmente quando se faz alavanca do insulto e da calumnia, suppondo que d'este modo deslocam o mundo. Desenganem-se porém, os que *representam um grupo* que se destaca da legalidade existente. Quem pede a cabeça dos outros, dá direito até a que os indifferentes lhe perguntem:

—«Que serviços são os teus á liberdade e ao paiz, para impetrares a proscripção dos que não atacam nem offendem nenhum principio social? Não queres o bem do teu semelhante? Porque exiges então para ti a faculdade de proclamar contra Deus, contra o rei e contra a liberdade? Porque atacas o principio de familia?»

O *Reporter* aconselha e aconselha bem, e oxalá que as licções do mestre aproveitem aos discipulos. O sr. Oliveira Martins prega a ordem, porque sem ella não pode haver liberdade. Nós queremol-a tambem, e démos d'isso exemplo em todos os tempos.

Haja cordura e tolerancia, mas para todos. A exclusão d'uns elementos em proveito d'outros, equivale a reimplantar a tyrannia, a restabelecer a forca e a reacender na praça publica as fohueiras de uma nova inquisição.

Abaixo pois a demagogia, que é a antithese da liberdade legal, que é o tripudio das furias da guilhotina, que é affronta mais sangrenta que póde fazer-se á humanidade.

*

Eis o artigo do *Reporter*:

«Parece querer recrudescer entre nós o que n'outro tempo se chamava «Reacção» e hoje se denomina «Os Jesuitas»: querer recrudescer, entendamo-nos, o espirito de hostilidade azeda contra as corporações que por esse Portugal fóra educam creanças ou albergam pobres e enfermos, inspiradas por motivos de proselytismo religioso.

Não póde haver duvida n'este ponto; mas a nosso ver não basta isto para sua condemnação. Em primeiro logar, pelo que respeita ao estricto direito falta ver se associações, com os estatutos em regra, estão, ou não ao abrigo da lei. Em segundo logar, e mais importante, cumpre saber se o ensino e os soccorres ministrados n'esses institutos são melhores ou peores do que os das instituições seculares—*leigas*, segundo se diz á-la-moda.

O facto de numerosas pessoas, cuja liberdade de pensamento é conhecida, confiarem a educação de seus filhos aos estabelecimentos chamados *jesuitas*, depõe sem duvida alguma contra a qualidade do ensino chamado *leigo*.

E, por fim, o bom-senso está-nos segredando esta pergunta: E' tão mau como isso que as creanças recebam com a primeira instrucção um boccado de sentimentos religiosos? Estamos fortes de caracter e pensamentos civicos, a ponto de podermos substituir com elles essa iniciação ideal que os dogmas prestam? Está averiguado que a abnegação, o carinho, o amor, indispensaveis á educação da infancia e ao soccorro dos pobres e enfermos, se conseguem mercenariamente a razão de tantos réis por dia, como incontestavelmente se obteem quando o espirito dos que tratam, ou dos que ensinam, está mais ou menos dominado pelo fervor religioso, e crente de que por tal forma serve a Deus e conquista o céo?

A questão é porventura a mais grave de todas, para os que preferem olhar para o futuro. Resta saber que especie de homens se estão formando nas famosas escolas *leigas* e com o ensino estapafurdio dos nossos lyceus. A utilidade commum aconselharia a investigar préviamente todos estes pontos, antes que o jacobinismo de uma certa opinião publica suscitasse questões irritantes.

Não ha mal que não tenha o seu bem; e o bem d'esta nossa apathia por tudo o que diz respeito á vida moral e intellectual, é o progresso incontestavel d'um certo espirito critico, tão alheio ao jacobinismo que n'outro tempo queria «enforcar o ultimo rei com as tripas do ultimo padre», como ao pietismo que para tantos mal se compadece com os progressos do saber. Esse estado de espirito é o dos que, apesar de livres pensadores, acham preferivel confiar a educação dos filhos aos *jezuitas*.

Isto é sem duvida preferivel á irritação produzida pelas questões religiosas. Appellamos portanto para o bom senso, e em nome d'elle recommendamos, se nos é licito, que ninguem se deixe embalar pelas palmas de uma popularidade do peor quilate; pois fazendo assim sacrificam, a nosso ver, com as melhores intenções, é claro, os interesses superiores da conservação aos pruridos de um supposto progresso e de uma irrisoria liberdade. A liberdade fez-se para todos, não foi só para nós.—*O. M.*

### DISCIPULO QUE NÃO HONRA O MESTRE

O correspondente da *Provincia* mandou-lhe a noticia de dois rapazes alegres que no domingo ao entardecer jogaram o soco, sendo um d'elles prezo, accrescentando que isto dera logar a manifestações contra a policia, «como é costume em todas as terras em que a ha.» Em seguida explica a seu modo a occorrencia que passou desapercebida, attribuindo-a a surdas agitações populares—«*por terem*, diz elle, *havido transferencias, demissões, Ovar em plena anarquia, uma eleição da misericordia suspensa e nunca repetida;* havendo principalmente dois factos que indignaram o povo, sendo o primeiro no anno passado a contribuição de renda de casas cobrada (sic) por uma fórma de que em Aveiro não ha memoria; o segundo foi agora a criação de um azylo-escola, e simultaneamente a introducção das irmãs da caridade como enfermeiras no hospital da Santa Casa da Misericordia, e a sua inqualificavel conservação, quando mais de metade dos irmãos protestaram e pediram que fossem expulsas!»

Isto escreveu um bacharel, que se diz sabio, e que devia pelo menos ser sério para não mentir descaradamente em publico e raso.

A intolerancia progressista assignala-se em Aveiro por a promoção de dois cunhados do sr. Dias Ferreira, e por a collocação d'outros individuos, *que não pertenciam ao nosso partido.* A eleição da misericordia foi suspensa a requerimento de alguns irmãos por causa dos vicios existentes no recenseamento da irmandade, tendo sido sonegados, ignorando-se ainda qual seja o seu paradeiro, livros e papeis importantes, que deviam esclarecer o assumpto. O não se ter repetido ainda a eleição deve-se portanto a esta circumstancia essencialissima, sendo nomeada a meza por dois annos, nos termos da lei que regula a materia sujeita.

Devia sabel-o tudo isto o taralhão, assim como não devia ignorar, que a contribuição de renda de casas foi cobrada por a fórma porque o são os outros tributos do estado, indo os contribuintes á recebedoria, sem que houvesse innovação no caso, ou fosse outra a prescripção das leis e regulamentos vigentes.

Quanto á criação do azylo-escola, foi ella um acto regular de administração, devido á junta geral do districto; e quanto ao modo pratico de a realisar, espere o bacharel pelos factos, para não esbarrar nas apreciações precipitadas com as ventas n'um sedeiro.

Sobre a admissão e conservação das irmãs hospitaleiras no hospital civil d'Aveiro... o bacharel parece andar na lua, sendo para lastimar que por má orientação politica faça côro mais os seus com a gente que ainda ha pouco o arrastava pelas ruas da amargura, tornando-o alvo de provocações, que deviam ser sempre um estorvo á camaradagem que se revela de um modo pouco edificante.

Se na administração do hospital existiam taes irregularidades que forçoso se tornava cortal-as pela raiz; se alli, além de não haver conforto para os doentes civis e militares, em consequencia da falta de limpeza e da falta de cuidado nas enfermarias, havia o escoadouro de centos de mil reis em cada anno, e isto em proveito só de especuladores: se a estes reprehensiveis abusos poz cobro a actual administração, só depois que alli deram entrada as irmãs hospitaleiras, a que proposito vem as exclamações do bacharel? E se a «caridade deve ser exercida por nós todos, como funcção da sociedade, e não pelos fanaticos como apanagio de uma classe», porque não aconselha a que se façam ahi as congregações civis, como lembrou e queria José Estevão? Ande, seja o eremita da cruzada, já que nenhum serviço prestou ainda a Aveiro, sem embargo de dizer mal de tudo e de todos.

Ora o que o bacharel está fazendo é dar força aos que não querem boa administração no hospital da misericordia, berrando por lá se fazerem réis 5003000 de economias n'um estabelecimento cuja receita sobe quando muito a 4:5003000 réis. Bem sabemos que isto dóe, que é duro acabar com a chuchadeira, e que os devassos e seus protectores não querem que se fiscalisem os seus actos, porque aquelles dinheiros distribuiam-se pelos amigos.

E a esta propaganda se associa o bacharel, que devia pelo menos guardar as apparencias para não ser conivente com as que por desvairamento que lastimamos, estão a cavar a ruina d'Aveiro!

### A VERDADE HISTORICA

*Amigo e sr. redactor.*—Vejo que os inimigos da misericordia andam com a cabeça perdida, e que já não dão rego direito. Como alardeavam basofia, por supor que tinham sido attendidos na questão do lyceu, entenderam que deviam intrometter-se tambem no caso do hospital, a que nunca prestaram serviços, antes evidenciaram a sua inutilidade na conservação das podridões que eu tenho relatado e que são hoje do dominio publico. Foram lá exactamente como na companhia de bombeiros. Um estorvo, alimentando discordias para se darem importancia, e sem fazerem cousa de geito, porque não servem senão para o que pessoalmente os interessa.

As irmãs hospitaleiras mereceram os seus brados de guerra, por tratarem com carinho os enfermos pobres, por terem sempre limpas e aceadas as enfermarias, por serem honestas e tomarem a peito os interesses d'aquella casa hospitalar. Eu estou morto por ver as contas do fim do anno economico, para colligir por ellas o que tem feito a commissão administrativa, e d'este modo rasgar a venda aos que não querem ver, o que é a peor cegueira que conheço.

Eu já ouvi dizer a um individuo muito conhecido, que sabia que as irmãs hospitaleiras eram excellentes como enfermeiras e na direcção economica da casa; que tinham cortado por muitos abusos, auxiliando a meza; que se ellas lá se conservassem algum tempo, haveria mais economias, de sobra até para melhorar as condições hygienicas do edificio; mas... que apezar de todas estas vantagens, votava contra ellas, não as queria, não por ellas, mas por serem instrumento passivo da reacção!...

«Qual reacção? perguntou um meu amigo, que n'estas cousas não tem teias d'aranha? Ao que o outro respondeu: «A reacção... eu me explico. As irmãs hospitaleiras são a parte boa do instituto, mas atraz d'ellas está o lazarista.»

Ao que o meu amigo contrapoz, que visto serem bons os serviços prestados por ellas, lhos fossemos aproveitando, e que a liberdade não receava a concorrencia, e quando tivesse medo d'ella se formassem as congregações civis, como as queria José Estevam.

Ora como o sujeito é muito nervoso, fez uma careta ao ouvir a referencia ás ideias do grande tribuno, como quem discorda; e aquelle gesto motivou a seguinte palestra:

«Então não quer as associações civis de caridade? Olhe que são um producto da intelligencia de José Estevam, e se as combate, fica *ipso facto* tolhido de guerrear as irmãs hospitaleiras. Atacar estas sem querer aquellas, além de erro indesculpavel, offende a memoria de José Estevam, que vv. dizem querer desaffrontar».

«Olhe, sabe que mais? Estou convencido que se José Estevam fosse vivo, não se oporia á entrada d'aquellas senhoras no nosso hospital: e de mais, v. deve saber que esta opposição que para uns é uma caturreira, para outros é uma arma de guerra, porque a falar a verdade não encontro motivo para tamanho barulho».

Fiquei então sabendo como estas cousas se passavam entre os proprios da propaganda. E' uma questão politica e de capricho, em que os republiqueiros querem vencer por terem fallado n'ella, e a que se associou a matalutagem que se diz regeneradora ou constituinte, por hostilidade aos progressistas. O nome de José Estevam é por tanto uma especulação, a tal bandeira que cobre o trafico do navio negreiro, como eu já disse em outra correspondencia.

Agora recorreram os homens a novo ardil, para explorarem a simplicidade da gente ignorante. Foram buscar, dizem elles, o testemunho de Antonio Augusto, irmão do grande tribuno, para provar, sabem o quê? Uma cousa horrorosa, nefanda, inacreditavel, se para o contradictar não houvesse já n'essa epoca a certeza do enfraquecimento intellectual d'aquelle distincto filho d'Aveiro! E a sua memoria, com que ahi especulam sacrilegamente, conserva-se muito nitida no meu espirito para supôr um momento sequer, que elle, o homem illustre, fosse capaz de, em seu juizo, diffamar sua propria filha!

Corra-se pois um veu sobre esse episodio triste, que nunca devia ser trazido para as discussões publicas, porque a imprensa não foi criada para soalheiro de reputações, nem para pelourinho da honra de ninguem. Respeitemos todos o somno que dormem aquelles dois seres que em vida tanto se amaram, e não creiam que é insultando as cinzas dos que ainda lembram com saudade que conseguem provar que é máo o serviço que no hospital d'Aveiro estão prestando actualmente as irmãs hospitaleiras.

Se queriam fazer ver, que o instituto a que ellas pertencem destroe o principio da familia, devia ser outro o procedimento dos que fazem e promovem representações e comicios. Na nossa terra temos exemplos para desmascarar os que, como Fr. Thomaz, fazem uma cousa e dizem outra.

Lembra-me ainda o que ahi se passou ha poucos annos com o pobre Salgado, de cuja fraqueza obtiveram a declaração de que queria ser enterrado civilmente, abusando das precarias circumstancias em que o misero se achava. A familia d'elle pediu, suplicou para que o seu cadaver fosse enterrado com a solemnidade prescripta no rito catholico; porém os que se diziam seus testamenteiros zombaram das crensas piedosas da familia do finado, e apresentaram aquella declaração escripta, sendo inexoraveis com as lagrimas da mãe e da viuva!... Ahi está como elles respeitam o principio de familia. Ahi está como entendem o amor do proximo. Quando se trata de fazer politica, affrontam os sentimentos mais delicados do individuo, sacrificando tudo ao orgulho e á propaganda, que é exactamente a negação da familia, a negação das mais santas affeições da humanidade!

Mais factos poderia aqui citar, para fazer ver até onde chega a cavilação n'esta gente, havendo entre outros principalmente um, cujos personagens estão ainda vivos, e que prova bem que em tudo isto só entram as tretas de Fr. Thomaz.

Não o evocarei agora, amigo e sr. redactor, mas o facto a que alludo é publico, e como revolvem ahi ossadas, calumniando mortos, bom será que eu me refira aos vivos, lembrando cousas passadas apenas ha meia duzia de annos. Se eu as pozesse em letra redonda, ficaria o publico sabendo o valor que tinha a declamação banal d'estes falsos liberaes.

Mas, dizem-me agora, que os homens allegam contra a criação das congregações civis, como as queria José Estevam, que este não se referia aos hospitaes, mas aos azylos de infancia desvalida, e quanto ao nosso hospital que havia a irmandade! Pois se a hypothese d'Aveiro não fora prevista *pelo grande orador, por isso* que n'aquella epoca se tratava só da liberdade de ensino, porque razão os que se dizem hoje campeões da sua memoria, que ahi ninguem offende, protestam contra a admissão e conservação das irmãs hospitaleiras, cujos fins piedosos não foram discutidos por José Estevam? E se para substituir as congregações temos, segundo elles, a irmandade da misericordia, tambem em Lisboa existiam á data do seu famoso discurso as associações de beneficencia, que eram as que pretendiam collocar nos azylos as irmãs de caridade.

Já se vê que o tribuno não se referia ás corporações já criadas, mas *á entidade que devia substituir o pessoal religioso n'aquellas casas de educação.* E se os pechosos da propaganda não estão dispostos a prestar serviços, nem a offerecer as suas familias para a formação das congregações civis, propostas por José Estevam, é porque preferem levar o egoismo até aos extremos da intolerancia, não querendo fazer o bem, nem consentindo que os outros o façam, sacrificando por tanto os deveres de humanidade á exploração politica, como se superior a elles não estivesse o jury incorruptivel da opinião sensata d'Aveiro e do paiz.

Amigo e sr. redactor; devo observar-lhe que aquella gente anda fóra dos eixos, agarrando-se já ás paredes. Pois ella não se lembrou de transcrever os artigos publicados em 1862 no *Campeão*, quando se apreciavam ali os actos da vida publica de José Estevam? Para que serve o estratagema? Para mostrar que a redacção da mesma folha, ou quem escreveu os mesmos artigos, foi com elle menos justa em vida?

Mas não se lembram que se fazem compartes da mesma injustiça, isto é, que se torna maior a sua responsabilidade, repetindo a sangue frio, e 26 annos depois, o que foi escripto no meio das refregas politicas d'aquella epoca, que foi excepcional em Aveiro? Então havia uma lucta aberta com um colosso, e lembram-me ainda muitas das peripecias que se deram, porque a guerra não foi só da gente do *Campeão*, mas de um partido politico, forte, preponderante, que elle representava.

E tudo isso a que vem agora? Se querem lisongear alguem, não conseguem nada, porque ninguem lhes póde aprovar que por acinte se arvorassem gratuitamente em veliculos das injustiças d'esse tempo já esquecido, quando agora ha só respeito para a memoria do grande tribuno, cujo vulto ahi tentam conspurcar e reduzir com o confronto de apreciações que por dignidade de todos teria sido melhor esquecer.

E quem faz essas escavações no passado, para extrahir acintes partidarios? Os mesmos que, gloriando-se da camaradagem de Magalhães Lima, cujo dinheiro, nome e serviços aproveitaram, agora o cobrem de insultos, a elle que os fez gente, e que está recebendo como premio a ingratidão mais felina de que ha memoria!

Já se vê que os homens teem dedo, e que por elle se conhece o que é e o que vale esta raça de... pigmeus.

Amigo e sr. redactor: vou concluir a minha carta, importando-me pouco a vozeria que ella possa levantar. Nunca tive receio de dizer o que sentia, molestando-me apenas que a campanha da diffamação desvaire por tal modo os individuos, que os faça esquecer o proprio testemunho de consideração prestado por elles aos que teem trabalhado efficazmente para que Aveiro goze as garantias e as commodidades a que lhe dão direito a sua posição topographica, a sua historia e os seus serviços á liberdade e á civilisação. Mau estimulo é este para os que trabalham, mas taes recompensas já não magoam ninguem.

Não me despeço do favor de continuar a dispor em beneficio d'estas palestras e do publico, a quem vou elucidando, das columnas do seu jornal, como

De v. etc.,

Aveiro, 22 de junho de 1888.

*Um irmão que já foi mezario.*

### AINDA A QUESTÃO DAS IRMAS HOSPITALEIRAS

*Meus amigos.*—Hontem á noite fui até á casa do meu abbade jogar a classica bisca brejeira, a padre nossos, já se entende, e mal eu transpuz os humbraes da residencia, vem o abbade todo pressuroso entregar-me um papel, chamado supplemento, no qual se convida o povo para um *meeting* que ahi vae fazer-se no proximo domingo.

O abbade perguntou-me o que era um *meeting*, e eu respondi-lhe, que era uma palavra ingleza que significa reunião de gente que não tem mais que fazer, isto cá em Portugal, porque na *cité* a cousa era mais fina. Quiz saber se eu ia ao tal *meeting*, e eu respondi-lhe: Olhe, meu abbade, estou velho, e tenho muito e muito que fazer; e para aturar doidos não me deu Deus a sciencia do dr. Craveiro.

Dito isto, não esperem os meus amigos por mim, pois tenho cá uma porção de gente a trabalhar nas vinhas, e não estou para aturar malucos.

O abbade, que é um dos da velha guarda, e olhem que é um liberal ás direitas, diz que Portugal tem perdido o juizo desde que principiou a dar ouvidos a doidos, e aos que se fazem inimigos do throno e do altar, por que nem uns nem a outros lhes offerecem pastas, postas e postos.

Se elles me puxarem pela lingua, tenho que lhes apontar muitos d'esses sabios e phariseus que não ha muito tempo tanto na capital como no Porto eram uns *destemidos republicanos*, e hoje estão tão palacianos que até causa nojo.

Finalmente, e para encurtarmos razões, o que elles querem é um osso ou uma codea. Dêem-lhes um talher na opulenta meza do orçamento, e verão como elles nas tubas changarosas dos seus jornaes apregoam as virtudes reconhecidas do monarcha, dos ministros, dos jesuitas, das irmãs da caridade, e são até capazes de dizer que o Diogo Alves era uma excellente pessoa, e o sr. Latino Coelho e o sr. dr. Arriaga uns carrascos.

Os hespanhoes querem *pan e toros*, os republicanos, como os romanos, *panem et circenses*. Dêem-lhes um osso a esses rafeiros, e vel-os-hão uns verdadeiros tótós fraldiqueiros. Pois não veem, que não tem pés nem cabeça essa guerra desabrida contra umas pobres senhoras que para ahi foram prestar serviços aos infelizes a quem a eterna desgraça do genero humano leva ás enxergas d'um hospital?

Porque razão, meus amigos, não vão esses republicanos com as suas mulheres e as suas amantes, prestar esses serviços ao hospital? Assim é que elles me tapavam a bocca, e não com essas declamações hypocritas que não valem um caracol.

Pois se elles tem tanto dó dos desgraçados, porque não compram camas, lençóes, cobertores e outras cousas, e as offerecem a uma casa que tanto precisa de esmolas?

Pois esse dinheiro que gastam com os supplementos, com os jornaes, com a propaganda que não cria proselytos, não era mais bem applicado em esmolas?

Teem tanto dó do povo, e não vejo, por que tenho ido milhares de vezes a essa cidade, e até hoje não vi um azylo, um hospital, uma *créche*, um refugio para os desgraçados, feito pelos republicanos!

Então onde está esse amor pelo povo?

Sei eu onde elle está. Querem que lh'o diga, meus amigos? Está na carnificina de 93, nos incendios de 1871, em Cartagena e em Alcoy. Levam o povo á desordem, ao assassinio, ao roubo, á lucta fratricida, e depois como Robespierre, Danton, e como os communistas e cantonalistas, entregam-nos ao carrasco ou ás bayonetas, e elles ficam-se rindo dos que cairam na arara de os acreditar. E eu que estou velho, digo-lhes: quem os conhecer que os compre que não leva boa prenda.

Veremos o que dá o *meeting*, e Deus queira que elle não vá pezar nos destinos da Europa, e que a Prussia, a Austria, a Russia e a Italia, que não estão lá muito socegadas, não vão chamar as *arriagas* d'ahi para resolverem o celebre tratado de Berlim.

E' possivel até que a Prussia se veja na necessidade de os chamar para que elles com a sua sapiencia de funambulos de feira digam se elles devem ir outra vez a Paris, ou se teem de ir para lá dos Balkans!

Deus lhes dê o que lhes falta, que é bom senso e juizo.

Não veem elles que a França está quasi resolvida a acceitar novamente o imperio, e que a Hespanha, depois que os mandou pentear macacos, vae melhorando em tudo e por tudo?

Se elles estudassem, não faziam as tristes figuras que fazem. Estudem, e depois fallem.

Adeus até breve.

Tenham paciencia em me aturar, e creiam-me sempre

Seu amigo e correligionario

Algares do districto, 22 de junho de 88.

*Y.*

### AGRADECIMENTO

Antonio Joaquim de Freitas e sua familia, profundamente penhorados, agradecem por este meio todos os favores e attenções que receberam de todas as pessoas, que se dignaram por qualquer modo manifestar-lhe o seu sentimento, durante a enfermidade que teve em Pecegueiro, no dia 12 do corrente mez, na occasião da sua passagem para as caldas de S. Pedro do Sul. Pedem desculpa de não irem pessoalmente cumprir este sagrado dever; já mais aos cavalheiros os ex.mos srs. medicos dr. Joaquim da Silva, de Vouzella, dr. Manuel Henriques da Rocha, de Paradella, que tão digna e gratuitamente lhe prestaram os seus valiosos serviços, bem como os ex.mos srs. commendador Antonio Martins, José Martins da Silva, Augusto Brandão, Serafim Tavares Dias, João Alhandra, de Coimbra; e outros muito mais cavalheiros que ali se achavam na occasião da passagem das diligencias, e d'aquelles sitios. A todas protestam a sua profunda gratidão, e da melhor boa vontade offerecem a sua casa em

Angeja 21 de junho de 1888.

## NOTICIARIO

**Notas de carteira.**—Regressou de Leiria, onde tinha ido vêr os trabalhos incumbidos á sua inspecção o sr. Casimiro de Menezes, digno director das obras publicas de Aveiro.

**Restabelecimento.**—Damos com prazer a noticia do restabelecimento do sr. Manuel Celestino Emygdio, juiz do Tribunal do Commercio no Porto.

O nosso illustre amigo esteve bastante incommodado, mas agora está bom e isso é motivo de prazer para aquelles que veem no brioso e honrado funccionario um magistrado austeramente exemplar e digno.

**Deferimento justo.**—O governo acaba de deferir ao pedido dos arraes de companhas de pesca da Torreira. Vieram elles ha dias procurar o sr. governador civil para pedir-lhe que conseguisse do governo mandar sem demora levantar uns ferros ou ancoras de navios que estão em frente da sua costa e que tantos prejuizos lhes causam, por isso que as redes se embaraçam n'elles, perdendo-se muitas vezes redes e pesca—havendo tambem n'isto perca para os cofres do Estado.

O sr. governador civil dirigiu-se logo ao sr. ministro da fazenda, que foi prompto em ordenar que um mergulhador venha logo effectuar o levantamento dos ferros.

Ha n'isto motivo para louvar o governo pela promptidão com que resolveu uma questão que a tantos interessa—não interessando menos á fazenda publica porque a perca da pesca é a perca do imposto.

**Allocução.**—O nosso venerando e illustradissimo prelado honrou-nos com o offerecimento de um opusculo em que vem publicadas as memoraveis e eloquentes palavras que proferiu na sessão solemne da *Academia de Santo Thomaz de Aquino*, celebrada no seminario diocesano no dia 3 d'este mez. Ninguem como este distincto principe da egreja lusitana sabe fallar ao coração e á intelligencia dos seus fieis, conciliando sempre, com admiravel proposito e sympathica correcção, os interesses da egreja e do estado, os seus sentimentos liberaes e religiosos, os seus deveres ecclesiasticos e civis. E esta é decerto, no actual e difficil momento da sociedade portugueza, a verdadeira missão d'um bispo catholico. N'aquella primorosa allocução, tão elegante no estylo como elevada nos conceitos, revella-se o ex.mo bispo-conde, mais uma vez, com todas as condições de intelligencia, de virtude, de illustração e de caracter, a que deve satisfazer um prelado moderno. Agradecemos penhorados o exemplar que nos foi offerecido, e que lemos com sincero interesse e grata admiração.

**Transcripção.**—E' da *Correspondencia de Coimbra* de hontem a seguinte noticia:

«O sr. Bispo Conde na sua visita a Montemór o Velho e a outras freguezias foi jubilosa e enthusiasticamente acolhido, recebendo mais uma vez os testemunhos de acrisolado amor e affecto que lhe consagram os povos da sua diocese. São estes os fructos que sómente colhem os que se impõem pela rectidão dos seus actos, pelo amor da caridade evangelica e pela elevação do seu espirito. O sr. Bispo Conde, pese a quem pesar, é um dos prelados mais distinctos do episcopado portuguez.»

Simplesmente exacto.

**Luto.**—Está de luto uma familia de honrados lavradores de Villar, freguezia da Gloria, d'esta cidade.

Os srs. Mathias acabam de perder sua virtuosa mãe, que contava já a longa edade de 96 annos, e uma sua sobrinha, menina de 18 annos, que seus paes e seus thios muito estimavam.

A morte e o enterro d'ambas verificou-se no mesmo dia. O sahimento compungiu quantos o presenciaram.

Amigos verdadeiros dos doridos, acompanhamol-os na dôr que tão profundo golpe lhes causou.

**Caso unico.**—Como todos sabem, falleceu haverá seis annos em Ilhavo, onde era parocho, o sr. João André Dias. Dado ao beaterio distendeu por alli as suas relações e, diga-se a verdade, fez proselitos que lhe grangearam, entre a sua grey, bom nome. Quando morreu pediu que o enterrassem em frente da porta do cemiterio para que sobre os seus restos passasse toda a gente, calcando-os, e punindo-o assim dos seus peccados. A vontade do fallecido cumpriu-se: os seus restos mortaes foram lançados no ponto sobre o qual passa toda a gente que tem de entrar alli—na triste habitação dos mortos.

Succede porem que a terra que o cobria nunca desceu do nivel em que a deixaram, e quando isso succede, os velhos preconceitos da parte menos illustrada da população ilhavense designam logo o que alli se enterrou como santo.

Em Ilhavo ha uma porção enorme de beatas e de *beatos*, e estes que eram quasi todos criação do fallecido, começaram a propalar, que o seu corpo estava inteiro—que o seu antigo prior era um justo.

Posto isto, que muito calculadamente se fez correr, resolveram alguns amigos seus profanar-lhe a sepultura e examinar-lhe os restos. E na noute de 18 para 19 do corrente, commetteu-se o attentado. Foram á sepultura, mecheram nas ossadas, arrancaram d'aquella massa derruida pela terra—parte da estola, as fivelas dos sapatos, o livro, uma cruz que levou nas mãos—tudo o que poderam encontrar que lhe podesse servir para distribuir pelas beatas como reliquias.

A auctoridade teve conhecimento do facto e procedeu como é seu dever fazel-o, pois que elle constitue um crime previsto nas leis penaes e como tal punivel.

O corolario de tudo isto é—que o fanatismo d'envolta com a especulação tem a sua guarida ainda em muitos pontos, sendo Ilhavo a terra do districto onde elle e *ella* mais se alastram.

Que a auctoridade cumpra o seu dever é o que muito lhe recommendamos.

**Theatro.**—Na quinta-feira proxima passada, os officiaes inferiores de cavallaria n.º 10 levaram á scena no nosso theatro o drama em 4 actos *Amor paternal*, cujo desempenho foi regular. Fechou o espectaculo com uma scena comica desempenhada pelo sr. Guimarães, brigadas do mesmo corpo, que agradou.

**Trabalho no mar.**—O mar tem sido bom e tem se por isso prestado ao serviço. A pesca é que tem sido em lemitada quantidade e pesca de pouco valor, porque tem sido na maior parte petinga que não dá nada e que os pescadores recolhem apenas para escásso. Em sardinha foi a semana demasiado sáfara.

**Sal novo.**—Já ha sal novo na ria. E' pouco por emquanto, mas, d'onde aonde, já se veem monticulos alvejantes, principio de colheita, que será fertil, porque começou cedo, se alguma alteração de tempo a não vier impedir.

**Mercados de gado.**—O gado bovino continua a subir de preço. Contava-se que parasse no ponto em que ha pouco estava, mas não é assim: tem subido e continua a subir.

**Novo caminho de ferro no Algarve.**—Informa o *Correio da Noite*:

«De Faro, dão-nos conta do projecto da linha ferrea entre aquella cidade e Villa Real de Santo Antonio,

A directriz d'esta linha ferrea é a continuação da do estado. Passando em alinhamento recto, defronte da praça da Rainha, d'aquella cidade, envolve ás muralhas do antigo castello em duas curvas excellentemente delineadas e prolonga-se, ao sul da collina de Santo Antonio do Alto, até passar ao norte de Olhão, ficando a estação situada na planicie entre o cemiterio e a villa, proximo da estrada real n.º 78. D'ahi segue em admiraveis condições technicas á beira mar, até entrar na Fuzeta, onde deve ser construida uma estação de 3.ª classe, ao sul do povoado.

Continúa depois até Tavira, passando em frente da rua da Corredoura, em que deve ser edificada a estação, e d'ahi segue até á margem direita do Guadiana, a 500 metros para o norte de Villa Real de Santo Antonio, onde está projectada a estação *terminus*, precisamente defronte do local em que ha de erguer-se a estação hespanhola do caminho de ferro de Huelva e Ayamonte.»

**Transcripção.** — E do nosso collega *O Jornal do Povo* a seguinte noticia:

*O apeadeiro em Avanca.* — Realisou-se no domingo ultimo a inauguração d'este apeadeiro, melhoramento importante para os povos de Avanca e das povoações circumvisinhas, devido á iniciativa do sr. João Pacheco de Castro Corte Real, cavalheiro prestimoso que tem sempre pugdado com ardor pelos progressos materiaes da sua freguezia, pelo que é alli geralmente considerado. A paragem dos comboyos é no logar de Paredes, onde, ao poente da linha ferrea, está construida uma pequena mas elegante barraca de madeira destinada ao serviço d'aquelle apeadeiro. Logo de manhã uma grande multidão de povo aguardava em duas extensas filas ao longo da linha a paragem dos primeiros comboyos. Uma philarmonica tocava junto ao local emquanto subiam ao ar numerosos foguetes. A' paragem do comboyo ascendente bem como á do descendente o povo acclamou freneticamente o promotor d'aquelle importante melhoramento, levantando tambem varios vivas a outros cavalheiros da localidade e de Estarreja, que tinham vindo no comboyo até áquella freguezia afim de felicitarem o sr. João Pacheco. Entre estes notamos o illustre presidente da camara dr. Francisco Barbosa, dr. Dyonizio de Moura Coutinho, administrador do concelho e o sr. José Maria Vilhegas, digno vice-presidente da camara.

No comboyo do Porto veio para o mesmo fim o nosso sympathico amigo e esclarecido ecclesiastico Fernando Marques Hespanha. Todos estes cavalheiros, depois da partida dos dois comboyos, seguiram, acompanhados da philarmonica de Avanca e de muito povo, até á casa do sr. Pacheco, parando na sua passagem á porta de varios cavalheiros importantes d'aquella freguezia a quem foram levantados vivas, que o povo estrepitosamente secundava. Tanto o almoço como o jantar que o sr. Pacheco offereceu aos seus convidados foram muito lautos e bem servidos. Fizeram-se varios e calorosos brindes ao sr. Pacheco por ter conseguido a realisação dos seus desejos, dotando a sua freguezia com o melhoramento importante que d'aquelle dia em diante os povos gosariam.

Ao cair da tarde ao logar de Paredes affluiu outra vez grande numero de pessoas de todas as classes á espera dos comboyos da tarde, havendo á chegada d'estes os mesmos festejos da manhã e subindo ao ar alguns aerostatos. Logo que os comboyos passaram organisou-se uma vistosa *marche aux flambeaux*, tocando sempre durante o percurso a mesma philarmonica.

Antes de terminarmos esta local cumpre-nos dizer que o regosijo dos avanquenses foi tão justo, como merecidas foram as espontaneas manifestações de agradecimento, de apreço e de sympathia que os habitantes de Avanca tributaram no domingo ao sr. Pacheco, aquem d'aqui enviamos tambem as nossas felicitações.

**Despachos de justiça** —Verificaram-se os seguintes:

Foram nomeados: juiz da Relação do Porto, o sr. José de Sá Coutinho.

Foram promovidos: a juiz de direito de 1.ª classe para Silves o sr. Magalhães Barros; á 2.ª classe, os sr. Cunha e Almeida, para Odemira; e Angusto M. de Castro, para Arganil.

Foram agraciados com o augmento do terço, os srs. juizes de direito de Evora e Moncorvo.

Foram transferidos os srs. juizes de direito de Odemira, para Villa do Conde; de Serpa para Vieira e de Povoação para Serpa.

O sr. Pio Lobo, juiz de Silves, foi collocado no quadro em exercicio.

Foi nomeado o pessoal dos julgados municipaes de Sever do Vouga, na Proença a Nova e Paços de Ferreira.

Foram nomeados sub-delegados em Ceia, Silyino Montenegro; em Macedo de Cavalleiros, Sá Vargas; em Oliveira do Hospital, Correia Telles; em Ponte de Lima, Pereira Maia; em Rezende, Oliveira Pinto; escrivão de direito de Gonveia, José Augusto Gomes Mendes.

Foram exonerados os juizes ordinarios de Merceana, de Ourique, de Freixo de Numão, de Villa Nova de Foscôa; o escrivão de Gouveia, Ribeira de Lima, e o escrivão do juiz ordinario de Thomar, Alves de Passos.

**O imperador Frederico III.**—Extractamos dos jornaes estrangeiros os seguintes promenores relativos ao enterro dos restos mortaes de Frederico III:

*De Berlim a Postdam*

*Postdam, 18.*—O principe de Bismark, o conde de Moltk, os principes estrangeiros, os ministros e outros personagens chegaram aqui de manhã cedo em comboyos especiaes.

As estações de Berlim e de Postdam estão fechadas ao publico para impedir que o povo interpece o transito official. Forças de policia e do exercito guarnecem as immediações. Apesar d'isto, pelas ruas e avenidas de Postdam vê-se uma concorrencia enorme. Quasi toda a gente, especialmente as senhoras, veste de luto rigoroso e ostenta ramos de violetas, a flôr favorita de Frederico III.

As ruas por onde ha de seguir o prestito funebre, desde o palacio de Friedrichskron até á egreja, acham-se guarnecidas de tropa. A passagem por aquellas ruas é prohibida.

O palacio de Friedrichskron está rodeado de forças militares como se fosse uma fortaleza.

*A trasladação do cadaver*

*Postdam, 18.*—A's 9 horas da manhã os sinos de todas as egrejas de Berlim, de Postdam e de todo o districto começaram a dobrar a finados. N'aquelle mesmo momento os ministros da corôa apresentaram-se na galeria dos Jaspes, onde estava exposto o corpo do fallecido imperador, e conduzidos pelo conde Stolberg, primeiro gentil-homem da camara, rodearam o feretro, collocando-se á cabeceira o feld-marechal Blumenthal com o estandarte do imperio.

O principe de Bismark e o conde de Moltke entraram depois, collocando-se aos pés do cadaver. Por detraz d'elles, formando semi-circulo, situaram-se os membros da familia imperial, os principes estrangeiros e os principes do imperio allemão, os generaes, os presidentes do Reichstag e do Abgeordnetenhans e outros personagens illustres.

Um côro de formosissimas vozes cantava no em tanto dous hymnos de Sebastião Bach. Terminado o côro, o pastor Koegel, primeiro capellão da côrte e pregador favorito de Guilherme I, aproximou-se do feretro acompanhado de todo o clero, e depois de deitar a benção ao cadaver, orou com grande fervor, emquanto que os assistentes cantavam o hymno que principia por estas palavras: «Se hei-de morrer, Senhor, não me abandones...»

A solemne ceremonia da trasladação do cadaver para a igreja, começou então. Os commandantes dos doze regimentos de que foi coronel Frederico III aproximaram-se do feretro e conduziram-o para o coche funebre, precedidos pelos ministros da corôa que levavam as insignias reaes, e pelo feld-marechal Blumenthal com o estandarte do imperio.

Formado o prestito, este dirigiu-se para a igreja de Friedenskirche. O coche funebre era tirado por 8 cavallos, ricamente ajaezados. No prestito viam-se os medicos sir Morell Mackenzie e os drs. Howell e Bardeleben. Atraz dos ministros seguia um grupo numerosissimo de generaes, e em seguida, a alguns passos de distancia, via-se o cavallo favorito de Frederico III, levado á redea pelo estribeiro real.

O feld-marechal Blumenthal continuava o prestito, e a poucos passos de distancia ia o novo imperador Guilherme II. seguido de seu irmão Henrique, do rei da Saxonia, dos demais membros da familia imperial, dos principes estrangeiros e allemães, do corpo diplomatico e de forças de cavallaria e artilheria.

A multidão era enorme, não tendo sido alterada a ordem.

*Na igreja*

*Postdam; 18*—A igreja de Friedenskirche é tão pequena que a custo poderam ter lugar n'ella os personagens que tomaram parte no prestito funebre.

O serviço religioso foi em extremo simples e breve.

Depois de terem cantado os córos em hymno, o pastor Koegel subiu ao pulpito e fez o elogio funebre de Frederico III, fazendo sobresahir, com grande eloquencia, o heroismo, a fortaleza de animo e a bondade do finado imperador, qualidades que lhe conquistaram as sympathias do mundo inteiro e o amor profundo de todos os seus subditos.

No momento de se lançar a benção ao cadaver, as tropas déram as descorgas funebres do estylo e a artilheria disparou 101 tiros.

A comitiva voltou em seguida para o palacio de Friedrichskron com a mesma solemnidade com que fôra para a igreja.

**Manifesto de Guilherme II.**—Eis o manifesto que o novo imperador da Allemanha, Guilherme II, dirigiu á nação:

«*Ao meu povo!*—A vontade de Deus decretou de novo um doloroso luto para a minha familia e para a nação.

Apenas fechada a campa do meu inolvidavel avô, eis que Deus chamou tambem á sua presença meu querido pai.

A actividade heroica com que, apesar da sua doença, cumpria os seus deveres, fez esperar que seria conservado por mais longo tempo á patria. Deus, porém, dispôz de outro modo.

O rei martyr e resignado, cujo coração palpitava por quanto era bom e bello, não teve mais que alguns mezes para demonstrar as nobres qualidades do seu coração e do seu espirito. Mas as suas virtudes e a sua gloria viverão emquanto houver corações allemães. A immortalidade glorificará a sua figura cavalheiresca nas paginas da historia patria.

Chamado a occupar o throno de meus avós, tomei posse do governo da nação e prometto solemnemente, seguindo o exemplo de meus paes, ser justo e indulgente, cultivar a religião, defender a paz, fomentar o bem do paiz, amar os pobres, os desvallidos e ser guardião fiel do direito.

Peço a Deus forças para cumprir estes dever s. Tenho confiança no povo prussiano, cujas altas qualidades a historia comprova. *Nos maus dias, como nos bons*, a Prussia foi sempre fiel aos seus reis. Com esta fidelidade inquebrantavel conto, tendo a consciencia de que a minha fidelidade para com o meu povo é inquebrantavel tambem. Esta consciencia do mutuo amor que professamos, faz-me esperar que Deus me dará a sabedoria necessaria para cumprir os meus deveres de rei a bem da patria.—Postdam, 18 de junho de 1888.—*Guilherme.*»

**O rei Luiz da Baviera.**—Na terça-feira da semana passada, anniversario da morte de Luiz II da Baviera, devia ser inaugurado, á beira do lago de Starnberg, um monumento á memoria do soberano. E' uma columna de granito, no cimo da qual, dia e noite, ver-se-ha brilhar a luz d'uma lampada.

**A hydrophobia—Medidas preventivas.**—O conselho de hygiene do Sena decretou que os cães que circulam pelas ruas de Paris andem açaimados.

Esta medida foi tomada principalmente porque Pasteur demonstrou que ultimamente tem crescido d'um modo notavel o numero de pessoas hydrophobas no departamento do Sena.

Effectivamente apresentaram-se no seu laboratorio, durante os cinco primeiros mezes d'este anno, 280 pessoas d'aquelle departamento, mordidas por cães damnados; isto é, quasi tantas pessoas como as que estiveram em tractamento durante todo o anno de 1887.

Ha pouco tempo ainda foi inflingida uma multa de 200 francos e seis dias de prisão a um homem que se recusou a matar dois cães, apesar d'estes terem estado em contacto com um cão damnado.

**O commercio de vinhos em Hespanha.** — Pela secção do commercio do ministerio do Estado foi dirigida uma circular ás camaras de commercio para que favoreçam a formação de syndicatos de productores e negociantes de vinho que facilitem com a representação dos seus interesses collectivos a obra que o governo hespanhol está disposto a realisar com respeito á producção vinicola.

Estes syndicatos, diz um collega madrileno, prestariam um bom serviço á exportação e diminuiriam em grande parte os perigos da extraordinaria competencia que em todos os estados europeus é hoje a caracteristica do commercio de vinhos.

**O centenario da Universidade de Bolonha.** —As festas do centenario de Bolonha, celebradas n'um dia d'estes, foram magnificas. Muitas nações estrangeiras mandaram ali como delegados professores eminentes. Um embaixador da Allemanha representou o imperador Frederico. O ministro de Portugal obteve grandes applausos quando declarou representar o rei de Portugal e a Universidade de Coimbra. Na solemnidade academica foram proclamados alguns doutores *ad honorem*, e entre esses o representante de Portugal.

## CARTA DE LISBOA

21 DE JUNHO DE 1888.

*Meus amigos.*—Dou-lhes em carta especial o resultado da exposição pecuaria e é elle o seguinte:

Pelas 9 horas da manhã de antehontem, chegou sua magestade el-rei ao recinto da exposição, acompanhado de S. M. a rainha e infante D. Affonso, sendo recebido pelo principe real, princeza D. Amelia, infante D. Augusto, ministerio, commissão, etc. Depois de um discurso proferido pelo sr. ministro das obras publicas, e feita a leitura dos expositores premiados, pelo sr. conselheiro Elvino de Brito, sua magestade procedeu á distribuição dos premios, e encerrou a exposição.

Os creadores premiados são, na especie bovina, os srs. Joaquim José de Mattos Fernandes, um de 60$000 reis, pelo touro *Medronho;* Domingos José Falcão, um de 60$000 reis, pelo touro *Fino;* Polycarpo José Machado, um de 60$000 reis, pelo touro *Inglez;* um de 60$000 reis, por uma vacca turina; Francisco Simões Margiochi, um de 60$000 reis, pelo touro *Brigante;* Manuel Rodrigues Correia, um de 40$000 reis, por um singel de vaccas de raça algarvia; José Antonio de Oliveira Soares, um de 30$000 reis, por um singel de vaccas alemtejanas; Antonio Albino Falcão, um de 20$000 reis, por um singel de vaccas mirandezas; João Gonçalves Carvalhaes, um de 30$000 reis, por uma bezerra barrozã; Miguel José de Mattos Fernandes, um de 30$000 reis, por um lote de quatro bezerras alemtejanas; João de Carvalho, do Porto de Moz, um de 60$000 reis, por um singel de bois mirandezes; Jeronymo da Costa Jacome, de Vianna, um de 40$000 reis, por um singel barrozão, de seis annos; Antonio Emygdio Correia d'Oliveira, de S. Pedro do Sul, um de 30$000 reis, por um singel de raça arouqueza; A. Sousa Dias, um de 70$000 reis, por um singel de raça barrozã; Manuel da Maia, de Santo Thyrso, um de 50$000 reis, por um singel de raça barrozã; Carlos Coverly, um de 40$000 reis, por um boi de raça barrozã; Antonio Fernandes, um de 50$000 reis, por uma vacca jarmello; José Soares Pinto Mascarenhas, um de 40$000 reis, por uma vacca jarmello; Joaquim Gonçalves Pereira, da Guarda, um de 35$000 reis, por uma vacca jarmello; José Pereira Palha Blanco, um de 60$000 reis, por quatro vaccas de raça brava zebú; um de 40$000 reis, por um grupo de quatro novilhos, raça brava zebu; Sua Alteza o sr. duque de Bragança, um de 40$000 reis, por seis bezerros, zebú-alemtejano-charnequeiros.

*Menções honrosas.*— Principe D. Carlos, José Maria Pereira, Antonio Sacouto Galache.

Na especie equina:—Casa Real: um de 200$000 réis, pelo cavallo reproductor *Feirante.*—Um de 200$000 réis, pelo cavallo *Corsel.*—Um de réis 200$000 por uma parelha castanha. —Um de 150$000 réis, por uma parelha de machos.—Um de 100$000 réis, por uma dita de mulas.—José Maria Gomes da Silva Pinheiro: um de 150$000 réis, pelo cavallo reproductor *Regente.*—Calça e Pina, de Souzel: um de 80$000 réis, por um lote de quatro eguas.—Antonio de Vasconcellos, da Gollegã, um de 50$000 réis, por um lote de quatro eguas.—Um de 60$000 réis, por um lote de seis poldros.—José Soares, de Evora, um de 60$000 réis, por uma egua isolada.—José Pereira Palha Blanco, um de réis 40$000, por uma egua isolada.—Um de 80$000 réis, por um lote de cinco eguas, de cruzamento oriental.—Um de 60$000 reis, por um lote de seis poldros.—Um de 45$000 réis, por um poldro batardão, de raça peninsular.—Joaquim José de Mattos Fernandes: um de 45$000 réis, por um poldro.—Sua Alteza o sr. infante D. Augusto: um de 90$000 reis pelo cavallo *Bey.* —Francisco da Silva Lobão Rasquilha, um de 150$000 réis, pelo cavallo *Conquista.*—Eduardo Santa Martha: um de 100$000 réis, pelo cavallo *Madji.*—Roberto R. Reynolds: um de 100$000 réis, pelo cavallo *Alerta.*—Manuel Vaz Preto Geraldes: um de 50$000 réis, pelo cavallo *Madhi.*—D. Fernando Atalaya: um de 60$000 réis, por uma egua, de cruzamenio inglez, *Sereia.*—Anjos & Casal Ribeiro: um de 60$000 réis, por um lote de seis poldros.—Mattos Fernandes, de Evora: um de 90$000 réis, por um lote de seis eguas.—Joaquim Jorge Vieira: um de 60$000 réis, por uma egua, de cruzamento inglez.—Sua Alteza o principe real: um de 75$000 réis, por uma parelha castanha, de muares.—D. Amelia Craveiro Feio: um de 50$000 réis, por uma parelha da mesma côr. — Francisco Simões Margiochi: um de 30$000 réis, por um grupo de muares de dois annos.—Tracheia Junior: um de 40$000 réis, por uma egua apoldrada.—José Marques Figueira: um de 20$000 réis, pela egua *Flaia.*

*Menções honrosas:*—Casa real, coudelaria de Alter; Mattos Fernandes Soares, de Evora; Emilio Infante da Camara, de Valle de Figueira; Carlos Marques da Azinhaga; Maximo da Costa Falcão; David Picão, de Elvas; Duque de Coimbra; Alberto Ferreira Pinto Basto; José Pereira Palha Blanco; José Maria da Silva Pinheiro; Joaquim Carrilho, d'Alter do Chão; Victorino Froes, de Alfeizirão; Jorge Robinson; José Rodrigues; Viscondessa da Varzea; Francisco Maria do Amaral Quadros Côrte-Real; Manuel Vaz Preto Geraldes; Leopoldo Arthur de Avellar Telles; Antonio Galache; Visconde da Varzea; Thiago Eleuterio de Sousa; Alfredo Xavier de Souza Lobão; Joaquim Maximo de Calça e Pina; Antonio José de Figueiredo Lameiro; Francisco Simões Margiochi; Anjos e Casal Ribeiro; Estevam Augusto d'Oliveira; José Soares, d'Evora; Estevam Antonio d'Oliveira; Alfredo Saldanha Marreca; Reinaldo Ferreira Pinto Basto; João Ferreira Vieira; Manoel da Maia; Manoel de Bastos; Nunes Teixeira; Francisco Barahona; Thomaz Maria da Silva; João Domingos de Andrade, Quinta districtal de Cahide; Antonio Simões Cantante; José Napoles; José Rodrigues Pardinho; Felismino dos Santos, da Guarda; Francisco Gomes, da Vieira; Marques Figueira; Dr. Albino Coelho; Basilio Manoel de Freitas Guimarães; João Rodrigues de Sá; Diogo da Fonseca Achaioli; Soares Pinto de Mascarenhas; Antonio Alexandre; Manoel de Almeida Bivar; Joaquim d'Almeida Negrão; Conde da Azambuja; José Joaquim Mattos Fernandes; Estevam Antonio d'Oliveira Junior; José Soares Pinto Mascarenhas; Joaquim Geraldes Alvares; José Fernandes de Sousa; Francisco Simões Margiochi; José Antonio d'Oliveira Soares; Viscondessa dos Olivaes; Ayres Sá Nogueira; Sebastião Drago, de Loulé; Carlos Coverly; Manoel Alvares Pereira; Guedes Carvalho, de Amarante; Antonio José Fernandes. de Braga; Joaquim Francisco Maia, de Villa do Conde; Custodio Gil, de Santo Thyrso; Paulino da Cruz, da Guarda; Affonso d'Albuquerque, da Guarda; Antonio Simão, da Guarda; José Pereira Palha Blanco; D. Maria Benedicta Mello e Castro; Maximino Antonio de Carvalho; D. Maria da Conceição e Silva.

Na especie ouvina, os srs.: Joaquim José de Mattos Fernandes: um de 18$000 réis, por um lote de dois carneiros sementaes—Miguel José de Mattos Fernandes: um de 18$000 réis, por um lote de ovelhas.—Emilio Infante da Camara: um de 18$000 réis, por um lote de ovelhas (typo merino) —Antonio de Vasconcellos: um de 18$000 réis, por um lote de ovelhas (typo merino inglez).—Polycarpo José Machado: um de 18$000 réis, por um lote de carneiros castrados.—Serafim Garcia Ribeiro: um de 18$000 réis, por um lote de 12 ovelhas, da raça bordaleira.—José P. Pereira Blanco: um lote de merinos pretos, cruzados.

*Menções honrosas:*—Antonio Ladislau Pereira Cortez, Antonio Maria da Fonseca Pontes, Alexandre de Brito de Sousa Abranches, Alexandre Freire Garcia Lobo, Alexandre Augusto Amaro, Antonio Diniz dos Santos, José Antonio d'Oliveira Soares, José Joaquim de Mattos Fernandes, Albano Ferreira Pinto Basto, José Maria Cardoso de Seixas e Manuel José de Mattos Fernandes.

Na especie caprina, os srs. José Joaquim de Mattos Fernandes: um de 9$000 reis, por um bode.—Albuquerque & Gonçalves: um de 30$000 reis, por um lote de cabras leiteiras.—Francisco Ignacio: um de 9$000 reis, por uma cabra.—D. Maria Benedicta de Mello e Castro: um de 15$000 reis, por um lote de cabras manadias.

*Menções honrosas:*—Visconde de S. Sebastião e Miguel José de Mattos Fernandes.

Na especie suina, os srs. Joaquim José de Mattos Fernandes, um de reis 20$000, por um varrasco de raça alemtejana; José Antonio de Oliveira Soares, um de 25$000 reis, por um lote de porcas de raça alemtejana; Francisco Simões Margiochi, um de 20$000 reis, por um varrasco de raça alemtejana; Miguel José de Mattos Fernandes, um de 25$000 reis, por um lote de quatro marrãs; Conde da Esperança, um de 20$000 reis, por um lote de dois varrascos, duas porcas de creação e um casal de bacoros, de raça alemtejana; José Joaquim de Mattos Fernandes, um de 15$000 reis, por um lote de oito bacoros e seis bacoras, de raça alemtejana; D. Maria Benedicta de Mello e Castro, um de 15$000 reis, por um varrasco de cruzamento inglez.

*Menções honrosas:*—Duque de Bragança, Manoel José de Mattos Fernandes, José Antonio d'Oliveira Soares, Joaquim José de Mattos Fernandes, Pedro da Fonseca, Manuel d'Oliveira Repolho, José Antonio Magalhães Vianna Junior, Joaquim Ferreira de Souza e Alfredo Xavier de Sousa Lobão.

Nos gallinaceos: *Menções honrosas:* —José Barbosa Pinto Vasconcellos, Aviario Portuguez, visconde de Roboredo e Polycarpo José Machado, Guilherme Ferreira Pinto Basto,

Deram-se tambem menções honrosas ao material de ensino cirurgico, hygienico e hygeotechnico do instituto de agronomia e veterinaria e aos productos expostos pela cuudelaria nacional do sul.

## COMMUNICADOS

### ALERTA!

Como é sabido, realisa-se no proximo domingo um comicio contra as pobres irmãs da caridade.

Mulheres, com toda a delicadeza do seu sexo, com toda a candura e ingenuidade proprias da sua natureza, —não se comprehende á primeira vista como ellas sejam o alvo de tanta guerra, de tanto odio e indignação, como se fossem giganteos abortos da natureza humana, figadaes inimigas da nossa raça.

Irmãs da caridade—este nome não póde ser mais suave, mais doce e sympathico; e por tanto mysteriosa ainda a causa do rancor que as persegue.—Porque será pois? No geral a causa é uma só, que já direi; na especialidade, com relação a estas que temos no hospital d'Aveiro, a causa é triplice:—politica. methaphisica e estupida.

Antes de entrar no desenvolvimento d'estas causas, deixem-me fazer uma declaração importante:

E' que eu fallo imparcialissimamente: nenhuma causa me move ao odio contra ellas, nenhuma tambem me inspira a sua defeza.

1.º—A primeira causa, que explica em parte o odio contra estas senhoras, á a politica, uma politica torpe, indecentissima, pulha que de tudo lança mão para desconceituar os seus inimigos politicos.

Que o povo o fique sabendo.

A maior parte d'essa gente que por ahi barafusta contra as irmãs da caridade, não o faz por convicção da sua influencia malefica, que a não póde ter, nem tambem por horror á religião, que é geralmente religiosa;—mas fal-o pura e simplesmente porque os progressistas se aproveitam do seu merito, e tudo quanto os progressistas façam ha de ser eternamente mal feito na boca dos regeneradores e republicanos—para o fim plenamente identificados. Convençam-se d'isto. Eu não sei, nem quero saber, se os progressistas procederam n'este negocio por motivos politicos; o que, porem, me parece muito possivel é que, se os progressistas estivessem no logar dos regeneradores, haviam talvez de proceder do mesmo modo. E' assim a politica actual: intransigente e implacavel.

2.º—A segunda causa, e que é a principal, é a methaphisica. Chamo-lhe methaphisica porque é philosophica, e não a comprehendo bem.

Ha por ahi uns certos srs. que se dizem livres-pensadores (naturalmente por pensarem muita tolice) que entendem que a liberdade não deve ter lemites: nunca se abusa d'ella, quer se empregue na escolha do bem, quer na do mal. (Parece-me que é isto pouco mais ou menos).

Ora, esses taes srs., coherentes com os seus principios, dizem que a religião é um mal—(dizem-n'o, note-se, mais com factos que com palavras)—porque ella condemna o abuso da liberdade: a liberdade para o mal. Por isso, em vista d'um principio que elles lá sabem e que tem a faculdade de andar tanto para diante como para traz, á laia de caranguejo, tratam de perseguir, de guerrear por todos os meios, por todas as fórmas, abertamente e encobertamente, tudo o que directa ou indirectamente sirva para desvirtuar a religião.

E' o que succede com o comicio a que me refiro. Elles importam-se pouco com as desintelligencias entre o partido progressista e o regenerador, que ambos se oppõem ao seu ideal; importam-se ainda menos que as irmãs da caridade façam bem ou mal em Aveiro;—o que elles querem, note-se bem, é não perder nenhuma occasião, nem a mais insignificante, para dar para baixo, (infamando e calumniando, já se vê) nos jezuitas, nos padres, nas irmãs da caridade, nos catholicos, em tudo aquillo, em fim, que mais ou menos sustenta a religião, que é a sua grande inimiga. Que mal me succeda, se esta não é a verdade toda, núa e crúa. Pois os republicanos de Lisboa importam-se lá com o hospital d'Aveiro, ou com as pobres mulheres, tão pequeninas, que para lá levaram? Pois imaginam que elles vinham aqui para defender os vossos interesses? Ingenuos!

O que elles quizeram foi ter mais uma occasião para propalar os seus principios revolucionarios, subversivos de toda a ordem, de toda a felicidade domestica;—para bradar com toda a força dos seus pulmões: abaixo os jesuitas que são os maiores patifes d'este mundo! (porque se não vêem, já se sabe)—Abaixo as irmãs da caridade que são as concubinas dos jezuitas! (Infamia cobardissima!)... e não dizem abaixo os padres, as egrejas, os sanctuarios, porque teem assás juizo para comprehenderem que o povo lhe saltaria em cima com todo o vigor do seu pulso de ferro!

Pois que mal fazem as irmãs da caridade, não m'o dirão? A sua missão pelo contrario é fazer bem a todo o custo, sacrificando-se a si, ao amor da familia, a tudo o que tem de mais sagrado no mundo, para desinteressadamente, sem obstaculos de especie alguma, se darem todas ao desempenho d'uma missão toda santa—o bem do proximo por amor de Deus.

E' duro, bem o sei, e, se eu fosse pae, e me levassem de mim uma filha querida,—verdade, verdade,—eu não ficava nada contente. Mas o que é heroismo? Não é o sacrificio ingente que o caracterisa? E os actos de heroismo não são louvaveis? Quem não louvaria o mancebo que, unico amparo de sua familia, se arrojava ao mar, para, com grave risco de sua vida, salvar a d'um seu amigo? Quem ousará censurar as irmãs da caridade que, para bem do proximo, renunciam ao seu e ao da familia? E' duro, muito duro para a sua familia, mas mais duro para si. Ellas querem, estão no seu direito.

3.º—A terceira causa é a estupidez que predomina entre o povo, ingenuo e ignorante, mas que, mais propenso para o mal, se convence de tudo que se diga contra os jezuitas, contra as irmãs da caridade, contra tudo, sem criterio, sem peso nem medida.

Pois é com o povo que eu agora vou conversar.

Hade perdoar-me, amigo, por eu lhe chamar estupido, que lhe não quero mal. E' que jurei não mentir, e esta é a verdade; e nem mesmo o amigo tem razão de ser illustrado, pelo menos em quanto os republicanos não governarem. O insulto tambem me toca, que eu tambem sou do povo.

Ora ouça, amigo. Os jesuitas não hão de ser tão feios como os pintam, e até me parece que ha simples padres um pouco peiores que elles. Mas diga-me, amigo: Conhece sem duvida artistas muito probos e honrados; mas nunca viu nenhum patife e pulha? Conhece muitos proprietarios generosos e bons, mas tambem não conhece nenhum avaro, miseravel e máu? Ha tabelliães, ha advogados, ha juizes, magistrados, ministros muito conscienciosos, muito honrados, muito honestos, muito justos; mas tambem não conhece nenhuns máus, injustos, desleaes e patifes? Percebe, amigo? Em todas as classes ha bom e máu, santos e diabos, não é só na classe sacerdotal que se vêem os espinhos: as flores, essas encobrem-se. Não sabe porque? Eu lhe digo:

E' que os padres tem por missão prégar a verdade, e a verdade é quasi sempre amarga, e é tambem por esta razão que ha tanta tranpolinice por esse mundo de Christo;—prégar a virtude, e a virtude custa: o vicio é mais facil, tem mais atrativos;—são a luz do mundo, e a luz céga os que vivem nas trevas. E' por isso, amigo, que os taes livres pensadores os perseguem tão furiosamente. Querem liberdade, liberdade em tudo, illimitada, e os padres querem-n'a só para os bem. Mas com a sua liberdade illimitada elles vão assassinando a dos outros, o que é mais triste. Fundam-se no tal principio que se parece com o caranguejo. Não imagines, porém, que eu te venho defender absolutamente os padres. Não; pelo contrario tambem hão-de levar. Salve-se só a virtude.

Ha padres, e parece-me que não são poucos, que são as trevas do mundo em logar de ser a sua luz; que são o exemplar modelo dos vicios em vez de o ser de todas as virtudes. Vês como elles tambem levam? Mas escuta. Isso, porém, nada prova contra o fim, —o ideal da classe sacerdotal, como a instituiu Jesus. O mal que os máus causam é sempre compensado pelo bem que praticam os virtuosos, aquelles que tem a consciencia da sua altissima missão. E o numero d'estes é incomparavelmente maior. A culpa, porém, não é toda sua (d'elles); é dos governos, que os não protege; é dos livres-pensadores que lhes roubam a fé, desvirtuando a religião; e é tua tambem que lhe regateas o seu exiguo salario. Mas olha cá: Quem te terá feito mais bem: os padres devassos, ou os republicanos puros? Quantas vezes viste á cabeceira do teu misero leito de doença um só republicano?

Nenhuma, não é verdade? E nunca viste tambem ao teu lado, compartilhando dos teus soffrimentos, infundindo-te uma esperança, inspirando-te resignação e coragem nos teus mais angustiosos momentos, um padre, mesmo dos devassos? Ai! amigo, que tu não os conheces ainda. Pois tu imaginas que elles, os amigos do povo, que tanto desgastam a «fraternidade» se dignariam baixar á tua miseranda choupana, para te enchugar as lagrimas e dirigir-te palavras de consolação e conforto? Como estás enganado! Elles alardeam muito da fraternidade, egualdade e não sei que mais palavras sonoras, mas não são para tu escutares no tugurio da tua *miserrima miseria.* Ouvel-as nos comicios, e contenta-te. Se a adversidade que tantas, tantissimas vezes te persegue ex-cruciantemente podesse tornar-se publica e obter um cantinho n'um jornal, ah! então sim: a caridade havia de envolver-te, soprada por elles, nas suas azas candidas, purissimas, como envolveu as victimas do Baquet e da Opera de Paris; mas assim, misero operario privado, apenas te abrigarão as teias d'aranhas que, rendilhadas, te ornam o tecto, e alguma minguada esmola do padre ou d'alguem por elle inspirado!

Amigo: eu estava sendo menos justo para com os teus amigalhotes dos comicios. Eu não duvido que muitos d'elles, se estivessem no logar do padre, haviam de fazer o mesmo que elle faz; mas é que elles, melindrosas plantas, não vegetam em terreno tão arido; mimosas flores, não vivem em athmosphera tão impura. O padre, (misero padre perante tudo que não seja a sua consciencia) o padre tem a pelle mais rija, anda acostumado ao vento, á chuva, á neve e a tudo quanto é espinhoso e arduo; e por isso vae visitar-te nas tuas enfermidades, animar-te com a sua fé, consolar-te com a sua caridade, beneficiar-te com os seus conselhos: é medico, é doutor, é amigo, é pae. Percebes?

Pois olha, abre bem os olhos: o padre, aquelle que tens sempre prompto a todas as horas do dia e da noute, de verão e de inverno, pela chuva e pelo sol, quando venta, quando chove, quando relampeja;—o padre que é assim teu amigo, (e sendo-o não faz mais senão cumprir o seu dever) que te vae levar o alento e a esperança quando a desgraça te entra no lar,—que te inspira coragem para supportares com a constancia e resignação d'um martyr os tormentos e dôres de que és victima, e depois quando a esperança da terra se acaba, te aponta para o ceu, e te vê morrer serenamente, heroicamente, como um santo, (assim eu tenho visto morrer alguns!) e que finalmente encommenda ao Senhor nas suas orações;—é elle mesmo que te pretendem assassinar os taes senhores, fallando, a proposito das irmãs da caridade, que nunca lhe fizeram mal, contra tudo o que directa ou indirectamente concorra para desvirtuar a religião de que os padres são ministros, e que é toda a tua esperança, toda a tua consolação: consolação e esperança de todos os que trabalham [illegible] de todos os pequeninos que, [illegible] que se ponham no bico dos pés, [illegible] conseguem jámais despertar a attenção dos grandes, dos que estão d'alto, muito d'alto para os poderem ver, e que se os vissem, como eu os tenho visto, fugiriam horrorisados á vista de tanta miseria sem terem, mau grado seu, uma palavra de consolação para lhes dirigir. Esta é que é a verdade, e bem dura que ella é! Aquelles que te fallam furibundos nos comicios, dizendo interessar-se pela causa do povo, são os teus maiores inimigos que te pretendem apagar da alma a mais benefica luz que te illumina,—a fé—e que tem illuminado os teus avós de ha dezenove seculos a esta parte,—que te querem roubar a melhor e unica esperança que te alenta na adversidade, e que na prosperidade te torna forte, robusto, inquebrantavel. Convence-te d'isso. Os republicanos são na maior parte livres pensadores que fazem mal a pretexto de fazerem bem. Elles são os mais implacaveis inimigos do povo que se servem da sua ingenuidade para o envenenar!

Alerta pois! Acorda já, senão acordarás muito tarde.

— Senhores republicanos portuguezes: Não me queiram mal por eu dizer a verdade. Eu estou muito convencido que grande parte de vós procede com as melhores intenções d'este mundo na propaganda de suas doutrinas; mas erra e erra desastradamente. A vossa philantropia, o vosso ideal é um myto que não póde abranger todas as miserias que se alastram medonhamente por essas aldeas da vossa patria. Só o padre as póde ver e remediar d'alguma maneira, inspirando aos desgraçados coragem pela fé, (que alguns não pódem ter muito melhor remedio) inspirando-lhes o amor ao trabalho e resignação no soffrimento e chovendo sobre os mais necessitados a minguada esmola do seu exiguo salario. Vós é que nunca podeis remediar nada por mais que a vontade vos sobre, porque (notae bem) sobre não terdes fé, não conseguireis nunca rebaixar-vos, humilhar-vos ao nivel do padre d'aldeia! Auxiliae-o pois em vez de o guerreardes, educae-o, e elle concorrerá com vosco, com todos os que se interessam pelo bem da humanidade, para a realisação d'um ideal que não é bem o vosso, mas que se parece muito.

E ficarei por aqui, amigo. Nota ainda que nunca escrevi para o publico, nem tinha grandes tenções de o fazer, porque sei mais sentir que explicar-me. Em vista, porém, do mal eminente e fatal que te ameaça, resolvi fazel-o para ficar de bem com a minha consciencia.

Agora fica tranquilla, porque se não disse tudo o que sabia, disse sempre a verdade. Adeus, pois, e não sejas nunca ingrato.

Um teu amigo

Aveiro, 20—6—88.

*Z.*

## PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

*Diario de 18*

Concessão de differentes mercês honorificas

Decreto auctorisando a meza da Santa Casa da Misericordia do Porto a alienar 4:000$000 reis em inscripções para pagar as contribuições.

Varios despachos administrativos.

Varios despachos de correios e telegraphos.

*Diario de 19*

Aviso de que todos os requerimentos e petições com respeito a negocios de tabacos devem ser dirigidos unicamente pela respectiva administração geral.

Decreto concedendo á sociedade Martins Sarmento, da cidade de Guimarães, o edificio do extincto convento de S. Francisco, para n'elle estabelecer a sua bibliotheca, museus e escolas.

*Diario de 20*

Varios despachos ecclesiasticos e judiciaes.

Carta regia confirmando e rectificando o tratado de commercio e navegação, com a Dinamarca.

## REPOSITORIO

### O VALOR DO TEMPO

Brougham, o homem mais laborioso de Inglaterra, nunca sahia da camara dos lords senão á meia noite, e ás 4 horas da manhã já estava levantado.

O dr. Cotton Marther, que conhecia bem o valor do tempo, não queria perder nem um minuto; e para esse fim tinha gravadas em letras muito grandes, por cima da sua porta, estas palavras:—*Sêde breve.*

Ursimus, professor da Universidade de Heidelberg, querendo evitar que os falladores o viessem interromper nas suas horas de trabalho, escreveu á entrada da sua bibliotheca:—«Amigo, quem quer que seja que aqui entres, sê breve no que tiveres a tratar, ou então retira-te.»

O sabio Scaglier tinha posto a seguinte frase na porta do seu gabinete: —*Tempus meum estager meus* (O meu tempo é o meu campo).

A maxima de Shakespeare era:—Reputae o tempo demasiadamente precioso para o não passardes a fallar em cousas frivolas».

Dizia Lord Bacon:—«Os amigos são verdadeiros roubadores do tempo.»

—«Senhor, uma palavra», dizia um dia um soldado ao grande Frederico, apresentando-lhe um requerimento em que pedia a patente de alferes.

—«Se disseres duas, respondeu aquelle monarcha, mando-te enforcar».

—Assignae, accrescentou então o soldado. Admirado o monarcha da sua presença de espirito, houve por bem deferir á sua pretenção.

# PAGINA LITTERARIA

## OS MAIAS

(Um passeio a Cintra)

Eram duas horas quando os dois amigos sahiram emfim do hotel, a fazer esse passeio a Sitiaes—que desde Lisboa tentava tanto o maestro Na praça, por defronte das lojas vasias e silenciosas, cães vadios dormiam ao sol: atravez das grades da cadeia os presos pediam esmola. Creanças enxovalhadas e em farrapos garotavam pelos cantos; e as melhores casas tinham ainda as janellas fechadas, continuando o seu somno de inverno, entre as arvores já verdes. De vez em quando apparecia um boccado da serra, com a sua muralha de ameias correndo sobre as penedias, ou via-se o castello da Pena, solitario, lá no alto. E por toda a parte o luminoso ar de abril punha a doçura do seu velludo.

Defronte do hotel da Lawrence, Carlos retardou o passo, mostrou-o ao Cruges.

— Tem o ar mais sympathico, disse o maestro. Mas valeu muito a pena ir para o Nunes, só para vêr aquella scena.... E então com que o sr. Carlos da Maia tem experiencia de hespanholas?

Carlos não respondeu, os seus olhos não se despegavam d'aquella fachada banal, onde só uma janella estava aberta com um par de botinas de duraque seccando ao ar. A' porta, dois rapazes inglezes, ambos de knicker-bokers, cachimbavam em silencio; e defronte, sentados sobre um banco de pedra, dois burriqueiros ao lado dos burros, não lhes tiravam o olho de cima, sorrindo-lhes, cocando-os como uma presa.

Carlos ia seguir, mas pareceu-lhe ouvir distante e melancholice, sahindo do silencio do hotel, um vago som de flauta; e parou ainda, remexendo as suas recordações, quasi certo de Damaso lhe ter dito que a bordo Castro Gomes tocava flauta...

—Isto é sublime! exclamou do lado o Cruges, commovido.

Parára deante da grade d'onde se domina o valle. E' d'alli olhava, enlevadamente, a rica vastidão de arvoredo cerrado, a que só se veem os cimos redondos, vestindo um declive da serra como o musgo veste um muro, e tendo áquella distancia, no brilho da luz, a suavidade macia d'um grande musgo escuro. E n'esta espessura verde-negra havia uma frontaria de casa que o interessava, branquejando, affogada entre a folhagem, com um ar de nobre repouso, debaixo de sombras seculares... Um momento teve uma ideia de artista: desejou habital-a com uma mulher, um piano e um cão da Terra Nova.

Mas o que o encantava era o ar. Abria os braços, respirava a tragos deliciosos:

—Que ar! Isto dá saude, menino! Isto faz reviver!...

Para o gosar mais docemente, sentou-se adeante, n'um bocado de muro baixo, defronte d'um alto terraço gradeado, onde velhas arvores assombreiam bancos de jardim, e extendem sobre a estrada a frescura das suas ramagens, cheias do piar das aves. E como Carlos lhe mostrava o relogio, as horas que fugiam para ir vêr o palacio, a Pena, as outras bellezas de Cintra—o maestro declarou que preferia estar ali, ouvindo correr a agua, a vêr monumentos caturras...

— Cintra não são pedras velhas, nem coisas gothicas... Cintra é isto, uma pouca de agua, um bocado de musgo... Isto é um paraiso!...

E, n'aquella satisfação que o tornava loquaz, acrescentou, repetindo a sua chalaça:

—E v. ex.ª deve sabel-o, sr. Maia, porque tem experiencia de hespanholas!...

— Poupa-me, respeita a natureza, murmurou Carlos, que riscava pensativamente o chão com a bengala.

Ficaram calados. Cruges agora admirava o jardim, por baixo do muro em que estavam sentados. Era um espesso ninho de verdura, arbustos, flores e arvores, suffocando-se n'uma prodigalidade de bosque silvestre, deixando apenas espaço para um tanquezinho redondo, onde uma pouca de agua, immovel e gelada, com dois ou tres nenuphares, se esverdinhava sob a sombra d'aquella ramaria profusa. Aqui e além, entre a bella desordem da folhagem, distinguiam-se arranjos de gosto burguez, uma volta de ruazita, estreita como uma fita, faiscando ao sol, ou a banal pallidez de um gesso. N'outros recantos, aquelle jardim de gente rica, exposto ás vistas, tinha retoques pretenciosos de estufa rara, aloes e cactos, braços aguardasolados de auraucarias erguendo-se de entre as agulhas negras dos pinheiros bravos, laminas de palmeira, com o seu ar triste de planta exilada, roçando a rama leve e perfumada das olaias floridas de côr de rosa. A espaços, com uma graça discreta, branquejava um grande pé de margaridas; ou em torno de uma rosa, solitaria na sua haste, palpitavam borboletas aos pares.

—Que pena que isto não pertença a um artista! murmurou o maestro. Só um artista saberia amar estas flores, estas arvores, estes rumores...

Carlos sorriu. Os artistas, dizia elle, só amam na natureza os effeitos de linha e côr; para se interessar pelo bem-estar de uma tulipa, para cuidar de que um craveiro não soffra sede, para sentir magua de que a geada tenha queimado os primeiros rebentões das accacias—para isso só o burguez, o burguez que todas as manhãs desce ao seu quintal com um chapéo velho e um regador, e vê nas arvores e nas plantas uma outra familia muda, por que elle é tambem responsavel...

Cruges, que escutára distrahidamente, exclamou:

—Diabo! E' necessario que não me esqueçam as queijadas!

Um som de rodas interrompeu-os, uma caleche descoberta desembocou a trote do lado de Sitiaes. Carlos ergueu-se logo, certo de que era *ella*, e que elle ia vêr os seus bellos olhos brilhar e fugir como duas estrellas. A caleche passou, levando um ancião de barbas de patriarcha, e uma velha ingleza com o regaço cheio de flôres e o véo azul fluctuando ao ar. E logo atraz, quasi no pó que as rodas tinham erguido, appareceu, caminhando pensativamente, de mãos atraz das costas, um homem alto, todo de preto, com um grande chapéo Panamá sobre os olhos. Foi Cruges que reconheceu os longos bigodes romanticos, que gritou:

— Olha o Alencar! Oh! grande Alencar!...

Durante um momento, o poeta ficou assombrado, com os braços abertos, no meio da estrada. Depois, com a mesma effusão ruidosa, apertou Carlos contra o coração, beijou o Cruges na face—porque conhecia Cruges desde pequeno, Cruges era para elle como um filho. Caramba! Eis ahi uma surpresa que elle não trocava pelo titulo de duque! Ora o alegrão de os ver ali! Como diabo tinham elles vindo parar alli?

E não esperou a resposta, contou elle logo a sua historia. Tivera um dos seus ataques de garganta, com uma ponta de febre, e o Mello, o bom Mello, recommendara-lhe mudança d'ares. Ora elle, bons ares, só comprehendia os de Cintra: porque alli não eram só os pulmões que lhe respiravam bem, era tambem o coração, rapazes!.... De sorte que viera na vespera no omnibus.

— E onde estás tu, Alencar? perguntou logo Carlos.

— Pois onde queres tu que eu esteja, filho. Lá estou com a minha velha Lawrence. Coitada! está bem velha! mas para mim é sempre uma amiga, é quasi uma irmã!... E vocês, que diabo? Para onde vão vocês com essas flores nas lapellas?

— A Sitiaes... Vou mostrar Sitiaes ao maestro.

Então tambem elle voltava a Sitiaes! Não tinha nada que fazer senão sorver bom ar, e scismar... Toda a manhã andara alli, vagamente, penduramdo sonhos dos ramos das arvores. Mas agora já os não largava; era mesmo um dever ir elle proprio fazer ao maestro as honras de Sitiaes...

—Que aquillo é sitio muito meu, filhos! Não ha alli arvore que me não conheça... Eu não vos quero começar já a impingir versos; mas emfim, vocês lembram-se de uma coisa que eu fiz a Sitiaes, e de que por ahi se gostou muito:

Quantos luares eu lá vi!
Que doces manhãs d'abril!
E os ais que soltei alli
Não foram sete, mas mil!

Peis então já vocês vêem, rapazes, que tenho razão para conhecer Sitiaes.

O poeta lançou ao ar uma vago suspiro, e durante um instante caminharam todos tres calados.

— Dize-me uma coisa, Alencar, perguntou Carlos baixo, parando, e tocando no braço do poeta. O Damasco está na Lawrence?

Não, que elle o tivesse visto. Verdade seja que na vespera, apenas chegára, fora-se deitar fatigado; e n'essa manhã almoçara só com dois rapazes inglezes. O unico animal que avistára fôra um lindo cãozinho de luxo, ladrando no corredor...

— E vocês onde estão?

— No Nunes.

Então o poeta parando de novo, contemplando Carlos com sympathia:

—Que bem que fizeste em arrastar cá o maestro, filho!... Quantas vezes eu tenho dito áquelle diabo, que se mettesse no omnibus, viesse passar 2 horas a Cintra. Mas ninguem o tira de martelar o piano. E olha tu que mesmo para a musica, para compôr, para entender um Muzart, um Choppin, é necessario ter visto isto, escutado este rumor, esta melodia da ramagem...

Baixou a voz, apontando para o maestro, que caminhava adeante enlevado:

—Tem muito talento, tem muita ideia melodica!... Olha que andei com aquillo ás cabritas... E a mãe, menino, foi muitissimo boa mulher.

—Vejam vocês isto! gritou Cruges que parára, esperando-os. Isto é sublime.

Era apenas um boccadito d'estrada, apertada entre dois velhos muros robertos d'heras, assombreada por grandes arvores entrelaçadas, que lhe faziam um toldo de folhagem aberto á luz como uma renda: no chão tremiam manchas de sol: e na frescura e no silencio, uma agua que se não via ia fugindo e cantando.

—Se tu queres sublime, Cruges, exclamou Alencar, então tens de subir á serra. Ahi tens o espaço, tens a nuvem, tens a arte...

—Não sei, talvez goste mais d'isto, murmurou o maestro.

A sua natureza de timido preferiria, decerto, estes humildes recantos, feitos de uma pouca de folhagem fresca e de um pedaço de muro musgoso, logares de quietação e de sombra, onde se aninha com um conforto maior o scismar dos indolentes...

— De resto, filho, continuou Alencar, tudo em Cintra é devino. Não ha cantinho que não seja um poema... Olha, alli tens tu, por exemplo, aquella linda florinha azul...—e, ternamente, apanhou-a.

— Vamos andando, vamos andando, murmurou Carlos impaciente, e agora, desde que o poeta falára do cãozinho de luxo, mais certo de que ella esta na Lawrende, e que a ia brevemente encontrar.

Mas, ao chegar a Sitiaes, Cruges teve uma desillusão deante d'aquelle vasto terreiro coberto de herva, com o palacete ao fundo, enxovalhado, de vidraças partidas, e erguendo pomposamente sobre o arco, em pleno céo, o seu grande escudo de armas. Ficara-lhe a ideia, de pequeno, que Sitiaes era montão pittoresco de rochedos, dominando a profundidade de um valle: e a isto misturava-se vagamente uma recordação de luar e de guitarras... Mas aquillo que elle alli via era um desapontamento.

— A vida é feita de desapontamentos, disse Carlos. Anda para deante!

E apressou o passo atravéz do terreiro, em quanto o maestro, cada vez mais animado, lhe gritava a chalaça do dia:

— E v. ex.ª deve sabel-o, sr. Maia, porque tem experiencia de hespanholas!...

Alencar, que se demorava atraz a acender o cigarro, extendeu o ouvido, curioso, quiz saber o que era isso de hespanholas. O maestro contou-lhe o encontro no Nunes e os furores da Concha.

Iam ambos caminhando por uma das alamedas latteraes, verde e fresca, de uma paz religiosa, como um claustro feito de folhagem. O terceiro estava deserto; a herva que o cobria, crescia ao abandono, toda estrellada de botões de ouro brilhando ao sol, e de malmequerzinhos brancos. Nenhuma folha se movia: atravéz da ramaria ligeira o sol atirava mólhos de raios de ouro. O azul parecia recuado a uma distancia infinita, repassado de silencio lumino; e só se ouvia, ás vezes, monotona e dormente, a voz de um cuco nos castanheiros.

Toda aquella vivenda, com a sua grade enferrujada sobre a estrada, os seus florões de pedra roidos da chuva, o pesado brazão rococó, as janellas cheias de teias de aranha, as telhas todas quebradas, parecia-se estar-se deixando morrer voluntariamente n'aquella verde solidão,—amuada com a vida, desde que d'alli tinham desapparecido as ultimas graças do tricorne e do espadim, e os derradeiros vestidos de anquinhas tinham roçado essas relvas... Agora Cruges ia descrevendo ao Alencar a figura do Eusebiozinho, com a chavena de café na mão, a ir pedir perdão á Conch; e a cada momento o poeta, com o seu grande chapéo Panamá, se agachava a colher florinhas silvestres.

Quando passaram o Arco, encontraram Carlos sentado n'um dos bancoss de pedra, fumando pensativamente a sua cigarette. O palacete deitava sobre aquelle boccado de terraço a sombra dos seus muros tristes; do valle subia uma frescura e um grande ar; e algures em baixo, sentia-se o prantear de um repuxo. Então o poeta, sentando-se ao lado do seu amigo, falou com nojo do Eusebiozinho.—Ahi está uma torpeza que elle nunca commettera, trazer meretrizes a Cintra! Nem a Cintra nem a parte nenhuma... Mas muito menos a Cintra! Sempre tivera, todo o mondo devia ter, a religião d'aquellas arvores e o amor d'aquellas sombras...

— E esse Palma, accrescentou elle, é um traste! Eu conheço-o; elle teve uma especie de jornal, e já lhe dei muita bofetada na rua do Alecrim. Foi uma historia... Ora eu t'a conto Carlos... Aquelle canalha! quando me lembro!... Aquella vil bolinha de materia putrida!... Aquelle chouricinho de pus!

Levantou-se, passando a mão nervosa sobre os bigodes, já excitado pela lembrança d'aquella velha desordem, vergastando o Palma com nomes ferozes, todo n'uma d'essas fervuras de sangue que eram a sua desgraça.

Cruges, no emtanto, encostado ao parapeito, olhava a grande planicie de lavoura, que se extendia em baixo, rica e bem trabalhada, repartida em quadrados verde-claros e verde-escuros, que lhe faziam lembrar um panno feito de remendos assim que elle tinha na meza do seu quarto. Tiras brancas de estradas serpeavam pelo meio: aqui e além, n'uma massa de arvoredo, branquejava um casal; e a cada passo n'aquelle solo onde as aguas abundam, uma fila de pequenos olmos revelava algum fresco ribeiro, correndo e reluzindo entre as hervas. O mar ficava ao fundo, n'uma linha unida, esbatida na tenuidade diffusa da bruma azulada: e por cima arredondava-se um grande azul lustroso como um bello esmalte, tendo apenas, lá no alto, um farrapozinho de nevoa, que ficára alli esquecido, e que dormia enovellado e suspenso na luz...

— Tive nojo! exclamava o Alencar, rematando fogosamento a sua historia. Palavra que tive nojo! Atirei-lhe a bengala ao pés, cruzei os braços e disse-lhe: ahi tem você a bengala, seu cobarde, a mim bastam-me as mãos!

— Que diabo não me hão-de esquecer as queijadas! murmurou Cruges, para si mesmo, afastando-se do parapeito.

Carlos erguera-se tambem, olhava o relogio. Mas antes de deixar Sitiaes, Cruges quiz explorar o outro terraço ao lado: e, apenas subira os dois velhos degraus de pedra, soltou de lá um grito alegre:

— Bem dizia eu! cá estão elles... E vocês a dizer que não!

Foram-no encontrar triumphante, deante de um montão de penedos, polidos pelo uso, já com um vago feitio de assentos deixados alli outr'ora, poeticamente, para dar ao terraço uma graça agreste de selva brava. Então, não dizia elle? Bem dizia elle que em Sitiaes havia penenos!

— Se eu me lembrava perfeitamente! *Penedo da Saudade*, não é que se chama, Alencar?

Mas o poeta não respondeu. Deante d'aquellas pedras crusára os braços, sorria dolorosamente; e immovel, sombrio no seu fato negro, com o Panamá carregado para a testa, envolveu todo aquelle recanto n'um olhar lento e triste.

Depois, no silencio, a sua voz ergueu-se saudosa e dolente:

— Vocês lembram-se rapazes, nas *Flôres e Martyrios*, de uma das coisas melhores que lá tenho, em rimas livres, chamada *6 de agosto?* Não se lembram talvez... Pois eu vol-a digo, rapazes!

Machinalmente tirára do bolso o lenço branco. E com elle fluctuante na mão, puxando Carlos para junto de si, chamando do outro lado o Cruges, baixou a voz como n'uma confidencia sagrada, recitou, com um ardor surdo, mordendo as syllabas, tremulo n'uma paixão ephemera de nervoso:

Vieste! Cingi-te ao peito.
Em redor que noite escura!
Não tinha rendas o leito,
Nem tinha lavores na barra
Que era só a rocha dura...
Muito ao longe uma guitarra
Gemia vagos harpejos...
(Vê tu que não me esqueceu)...
E a rocha dura aqueceu
Ao calor dos nossos beijos!

Esteve um momento embebendo o olhar nas pedras brancas batidas do sol, atirou para lá um gesto triste, e murmurou:

— Foi alli.

E afastou-se, alquebrado sob o seu grande chapéo Panamá, com o lenço branco na mão. Cruges, que aquelles romantismos impressionavam, ficou a olhar para os penedos como para um sitio historico. Carlos sorria. E quando ambos deixaram esse recanto do terraço—o poeta, agachado junto do arco, estava apertando o atilho da ceroula.

Endireitou-se logo, já toda a emoção o deixára, mostrava os maus dentes n'um sorriso amigo, e exclamou, apontando para o arco:

— Agora, Cruges, filho, repara tu n'aquella tela sublime.

O maestro embasbacou. No vão do arco, como dentro de uma pesada moldura de pedra, brilhava, á luz rica da tarde, um quadro maravilhoso, de uma composição quasi phantastica, como a illustração de uma bella lenda de cavallaria e de amor. Era no primeiro plano o terreiro, deserto e verdejando, todo salpicado de botões amarellos; ao fundo, o renque cerrado de antigas arvores, com hera nos troncos, fazendo ao longo da grade uma muralha de folhagem reluzente; e emergindo abruptamente d'essa copada linha de bosque assoalhado, subia no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente n'um relevo nitido sobre o fundo de céo azul claro, o cume airoso da serra, toda côr de violeta escura, coroada pelo castello da Pena, romantico e solitario no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cupulas brilhando ao sol como se fossem feitas de ouro...

Cruges achou aquelle quadro digno de Gustavo Doré. Alencar teve uma bella phrase sobre a imaginação dos arabes. Carlos, impaciente, foi-os apressando para deante.

Mas agora Cruges, impressionado, estava com desejo de subir á Pena. Alencar, por si, ia tambem com prazer. A Pena para elle era outro ninho de recordações. Ninho? Devia antes dizer cemiterio... Carlos hesitava, parado junto da grade. Estaria ella na Pena? E olhava a estrada, olhava as arvores, como se podesse adivinhar pelas pegada no pó, ou pelo mover das folhas, que direcção tinham tomado os passos que elle seguia... Por fim teve uma ideia.

— Vamos indo primeiro á Lawrence. E depois se quizermos ir á Pena, arranjam-se lá os burros...

E nem mesmo quiz escutar o Alencar, que tivera tambem uma ideia, fallava de Collares, de uma visita ao seu velho Carvalhosa; accelerou o passo para a Lawrence, emquanto o poeta tornava a arranjar o atilho da ceroula, e o maestro, n'um enthusiasmo bucolico, ornava o chapéo de folhas de hera. Defronte da Lawrance, os dois burriqueiros, de cigarro na bocca, não tendo podido apoderar-se dos inglezes, preguiçavam ao sol.

— Vocês sabem, perguntou-lhes Carlos, se uma familia, que está aqui no hotel, foi para a Pena?!...

Um dos homens pareceu adivinhar, exclamou logo, desbarretando-se:

— Sim, senhor, foram para lá ha bocado, e aqui está o borrinho tambem para v. ex.ª, meu amo!

Mas o outro, mais honesto, negou. Não, senhor, a gente que fôra para a Pena estava no Nunes...

— A familia que o senhor diz foi agora alli para baixo, para o palacio...

— Uma senhora alta?

— Sim, senhor.

— Com um sujeito de barba preta?

— Sim, senhor.

— E uma cadellinha?

— Sim, senhor.

— Tu conheces o sr. Damaso Salcede?

— Não, senhor... E' o que tira retratos?

— Não, não tira retratos... Tomae lá.

Deu-lhe uma placa de cinco tostões; e voltou ao encontro dos outros, declarando que realmente era tarde para subirem á Pena.

— Agora o que tu deves ver, Cruges, é o palacio. Isso é que tem originalidade e cachet! Não é verdade, Alencar?...

— Eu vos digo, filhos, começou o auctor de *Elvira*, historicamente fallando...

— E eu tenho de comprar as queijadas, murmurou Cruges.

— Justamente! exclamou Carlos. Tens ainda as queijadas; é necessario não perder tempo; a caminho!

Deixou os outros ainda indecisos, abalou para o palacio, em quatro largas passadas estava lá. E logo da praça avistou, sahindo já o portão, passando rente da sentinella, a famosa familia hospedada na Lawrence e a sua cadellinha de luxo. Era, com effeito, um sujeito de barba preta, e de sapatos de lona branca; e, ao lado d'elle, uma matrona enorme, com um mantelete de seda, coisas de ouro pelo pescoço e pelo peito, e o cãozinho felpudo ao collo. Vinham ambos rosnando o quer que fosse, com mau modo um para o outro, e em hespanhol.

Carlos ficou a olhar para aquelle par com a melancholia de quem contempla os pedaços de um bello marmore quedrado. Não esperou mais pelos outros, nem os quiz encontrar. Correu á Lawrence por um caminho differente, ávido de uma certeza:—e ahi, o creado que lhe appareceu, disse-lhe que o sr. Salcede e os srs. Castro Gomes tinham partido na vespera para Mafra...

— E de lá?...

O creado ouvira dizer ao sr. Damaso que de lá voltavam a Lisboa.

— Bem, disse Carlos atirando o chapéo para cima da mesa, traga-me você um calice de Cognac e uma pouca de agua fresca.

Cintra, de repente, pareceu-lhe intoleravelmente deserta e triste. Não teve animo de voltar ao palacio, nem quiz sahir mais d'ali; e arrancando as luvas, passeiando em volta da mesa de jantar, onde murchavam os ramos da vespera, sentia um desejo desesperado de galopar para Lisboa, correr ao Hotel Central, invadir-lhe o quarto, vêl-a, saciar os seus olhos n'ella! Porque, o que o irritava agora era não poder encontrar, na pequenez de Lisboa, onde toda a gente se acotovella, aquella mulher que elle procurava anciosamente! Duas semanas farejára o Aterro como um cão perdido: fizera peregrinações ridiculas de theatro em theatro: n'uma manhã de domingo percorrera as missas! E não a tornára a vêr. Agora sabia-a em Cintra, voava a Cintra, e não a via tambem. Ella cruzava-o uma tarde, bella como uma deusa transviada no Aterro, deixava-lhe cahir n'alma por acaso um dos seus olhares negros, e desapparecia, evaporava-se, como se tivesse realmente remontado ao céo, d'ora em deante invisivel e sobrenatural: e elle alli ficava, com aquelle olhar no coração, perturbando todo o seu ser, orientando surdamente os seus pensamentos, desejos, curiosidades, toda a sua vida interior, para uma adoravel desconhecida, de quem elle nada sabia senão que era alta e loira, e que tinha uma cadellinha escosseza... Assim acontece com as estrellas d'acaso! Ellas não são d'uma essencia differente, nem contêem mais luz que as outras: mas, por isso mesmo que passam fugitivamente e se esvaem, parecem despedir um fulgor mais divino, e o deslumbramento que deixam nos olhos é mais perturbador e mais longo... Elle não a tornára a vêr. Outros viam-n'a. O Taveira vira-a. No Gremio, ouvira um alferes de lanceiros fallar d'ella, perguntar quem era, porque a encontrava todos os dias. O alferes encontrava-o todos os dias. Elle não a via, e não socegava...

O creado trouxe o Cognac. Então Carlos, preparando vagarosamente o seu refresco, conversou com elle, fallou um momento dos dois rapazes inglezes, depois da hespanhola obesa... Emfim, dominando uma timidez, quasi córando, fez, através de grandes silencios, perguntas sobre os Castros Gomes. E cada resposta lhe parecia uma acquisição preciosa. A senhora era muito madrugadora, dizia o creado: ás sete horas tinha tomado banho, estava vestida, e sahia só. O sr. Castro Gomes, que dormia n'um quarto separado, nunca se mexia antes do meio-dia; e, á noite, ficava uma eternidade á mesa, fumando cigarretes e molhando os beiços em copinhos de Cognac e agua. Elle e o sr. Damaso jogavam o dominó. A senhora tinha montões de flôres no quarto; e tencionavam ficar até domingo, mas fôra ella que apressára a partida...

— Ah, disse Carlos, depois de um silencio, foi a senhora que apressou a partida?...

— Sim, senhor, com cuidado na menina que tinha ficado em Lisboa... V. ex.ª toma mais Cognac?

Com um gesto Carlos recusou, e veiu sentar-se no terraço. A tarde descia, calma, radiosa, sem um estremecer de folhagem, cheia de claridade dourada, n'uma larga serenidade que penetrava a alma. Elle tel-a-hia pois encontrado, alli mesmo n'aquelle terraço, vendo tambem cahir a tarde—se ella não estivesse impaciente por tornar a vêr a filha, algum bebézinho loiro que ficára só com a ama. Assim, a brilhante deusa era tambem uma boa mamã; e isto dava-lhe um encanto mais profundo, era assim que elle gostava mais d'ella, com este terno estremecimento humano nas suas bellas fórmas de marmore. Agora, já ella estava em Lisboa, e imaginava-a nas rendas do seu *poignoir*, com o cabello enrolado á pressa, grande e branca, erguendo ao ar o bébé nos seus esplendidos braços de Juno, e fallando-lhe com um riso d'ouro. Achava-a assim adoravel, todo o seu coração fugia para ella... Ah! poder ter o direito de estar junto d'ella, n'essas horas d'intimidade, bem junto, sentindo o aroma da sua pelle, e sorrindo tambem a um bébé. E, pouco a pouco, foi-lhe surgindo na alma um romance, radiante e absurdo: um sopro de paixão, mais forte que as leis humanas, enrolava violentamente, levava juntos o seu destino e o d'ella; depois, que divina existencia, escondida n'um ninho de flôres e de sol, longe, n'algum canto da Italia... E, toda a sorte de idéas d'amor, de devoção absoluta, de sacrificio, invadiam-n'o deliciosamente—emquanto os seus olhos se esqueciam, se perdiam, enlevados na religiosa solemnidade d'aquelle bello fim da tarde. Do lado do mar subia uma maravilhosa côr d'ouro pallido, que ia no alto diluir o azul, dava-lhe um branco indeciso e opalino, um tom de desmaio doce; e o arvoredo cobria-se todo de uma tinta loura, delicada e dormente. Todos os rumores tomavam uma suavidade de suspiro perdido. Nenhum contorno se movia como na immobilidade de um extasi. E as casas, voltadas para o poente, com uma ou outra janella accesa em braza, os cimos redondos das arvores apinhadas, descendo a serra n'uma espessa debandada para o valle, tudo parecera ficar de repente parado n'um recolhimento melancholleo e grave, olhando a partida do sol, que mergulhava lentamente no mar...

— Oh Carlos, tu estás ahi?

Era em baixo, na estrada, a voz grossa do Alencar gritando por elle. Carlos appareceu á varanda do terraço.

— Que diabo estás tu ahi a fazer, rapaz? exclamou Alencar, agitando alegremente o seu Panamá. Nós lá estivemos á espera, no covil real... Fomos ao Nunes... Iamos agora procurar-te á cadeia!

E o poeta riu largamente da sua pilheria—emquanto Cruges ao lado, de mãos atraz das costas, e a face erguida para o terraço, bocejava desconsoladamente.

— Vim *refrescar*, como tu dizes, tomar um pouco de Cognac, que estava com sêde.

Cognac? eis ahi o mimo por que o pobre Alencar estivera anciando toda a tarde, desde Sitiaes. E galgou logo as escadas do terraço—depois de ter gritado para dentro, para a sua velha Lawrence, que lhe mandasse acima *meia da fina*,

— Viste o Paço, hein, Cruges? perguntou Carlos ao maestro, quando elle appareceu, arrastando os passos. Então, parece-me que o que nos resta a fazer é jantar e abalar...

Cruges concordou. Voltava do palacio com um ar murcho fatigado d'aquelle vasto casarão historico, da voz monotona do cicerone mostrando a cama de S. M. El-Rei, as cortinas do quarto de S. M. a Rainha, «melhores que as de Mafra», o tirabotas de S. A.; e trazia de lá uma pouca d'essa melancholia que erra, como uma atmosphera propria, nas residencias reaes.

E aquella natureza de Cintra; ao escurecer; dizia elle, começava a entristecel-o.

Então concordaram em jantar alli, na Lawrençe, para evitar o espectaculo torpe do Palma e das damas, mandar vir á porta o break, e partir depois ao nascer do luar. Alenear, aproveitando a carruagem, recolhia tambem a Lisboa.

— E, para ser festa completa, exclamou elle, limpando os bigodes do Cognac, emquanto vocês vão ao Nunes pagar a conta, e dar ordens para o break, eu vou-me entender lá abaixo á cosinha com a velha Lawrence, e preparar-vos um *bacalhau á Alencar*, recipe meu... E vocés verão o que é um bacalhau! Porque, lá isso, rapazes, versos os farão outros melhor; bacalhau, não!

Atravessando a praça, Cruges pedia a Deus que não encontrassem mais o Eusebiozinho. Mas apenas pozeram os pés nos primeiros degraus do Nunes, ouviram em cima o chalrar da suscia. Estavam na ante-sala, já todos reconciliados, a Concha contente—e installados aos dois cantos de uma mesa, com cartas. O Palma munido de uma garrafa de genebra, fazia uma *batotinha* para o Eusebio; e as duas hespanholas de cigarro na bocca jogavam languidamente a bisca.

O viuvo; enfiado, perdia. No monte, que começara miseravelmente com duas côroas, já luzia ouro; e Palma triumphava, chalaceiando, dando beijocas na sua moça. Mas, ao mesmo tempo, fazia de cavalheiro, fallava de dar a desforra, ficar alli, sendo necessario, até de madrugada.

— Então vv. ex.as não se sentam? Isto é para passar o tempo... Em Cintra tudo serve... Valete! Perdeu você outro mico no rei. Deve a libra e mais quinze tostões, sô Silveira!

Carlos passára, sem responder, seguido pelo creado—no momento em que Euzebiosinho, furioso, já desconfiado, quiz verificar, com as lunetas negras sobre o baralho, se lá estavam todos os reis.

Palma alastrou as cartas largamente, sem se zangar. Entre amigos, que diabo, tudo se admittia! A sua hespanhola, essa sim, escandalisou-se, defendendo a honra do seu homem: então Palmita havia de ter empalmado o rei? Mas, a Concha zelava o dinheiro do seu viuvo, exclamava que o rei podia estar perdido... Os reis estavam lá.

Palma atirou um calice de genebra ás goelas, e recomeçou a baralhar magestosamente.

— Então v. ex.ª não se tenta? repetia elle para o maestro.

Cruges, com effeito, parára, roçando-se pela meza, com o olho nas cartas e no ouro do monte, já sem força, remexendo o dinheiro nas algibeiras. Subitamente um az decidiu-o. Com a mão nervosa, escorregou-lhe uma libra por baixo, jogando cinco tostões, e de porta. Perdeu logo. Quando Carlos voltou do quarto com o creado que descia as malas, o maestro estava em pleno vicio, com a libra entalada, os olhos accezos, o ar esguedelhado.

— Então tu?...—exclamou Carlos com severidade.

— Já desço, rosnou o maestro.

E, á pressa, foi á paz da libra, n'um terno contra o rei. Cartada de colicas! como disse o Palma: e foi com emoção que elle começou a puxar as cartas, espremendo-as uma a uma, n'um vagar mortal. A apparição de um bico arrancou-lhe uma praga. Era apenas um duque. Eusebiozinho perdia mais uma placa. Palma teve um suspirinho de allivio; e, escondendo com ambas as mãos o baralho, erguendo as lunetas faiscantes para o maestro:

— Então, sempre continúa toda a libra?...

— Toda.

Palma teve outro suspiro d'anciedade; e, mais pallido, voltou bruscamente as cartas.

— Rei gritou elle, empolgando o ouro.

Era o rei de paus, a sua hespanhola bateu as palmas, o maestro abalou furioso.

Na Lawrence o jantar prolongou-se até ás oito horas, com luzes;—e o Alencar fallou sempre. Tinha esquecido n'esse dia as desillusões da vida, todos os rancores litterarios, estava n'uma veia excellente; e foram historias dos velhos tempos de Cintra, recordações da sua famosa ida a Paris, coisas picantes de mulheres, boccados da chronica intima da Regeneração... Tudo isto com estridencias de voz, e *filhos isto!* e *rapazes aquillo!* e gestos que faziam oscillar as chammas das vellas, e grandes copos de Collares emborcados de um trago. Do outro lado da meza, os dois inglezes, correctos nos seus fraques negros, de cravos brancos na botoeira, pasmavam, com um ar embaraçado a que se misturava desdem, para esta desordenada exhuberancia de meridional.

A apparição do bacalhau foi um triumpho;—e a satisfação do poeta tão grande, que desejou mesmo, caramba, rapazes, que alli estivessse o Ega!

— Sempre queria que elle provasse este bacalhau! Já que me não aprecia os versos, havia de me apreciar o cosinhado, que isto é um bacalhau de artista em toda a parte!... N'outro dia fil-o lá em casa dos meus Cohens; e a Rachel, coitadinha, veiu para mim e abraçou-me... Isto, filhos, a poesia e a cosinha são irmãs! Vejam vocês Alexandre Dumas... Dirão vocês que e pae Dumas não é um poeta... E então d'Artagnan? D'artagnan é um poema... E' faisca, é a phantasia, é a inspiração, é o sonho, é o arrobo! Então, pôço, já vêem vocês, que é poeta!... Pois vocês hão de vir um dia d'estes jantar commigo, e ha de vir o Ega, e hei de vos arranjar umas perdizes á hespanhola, que vos hão de nascer castanholas nos dedos!... Eu, palavra, gosto do Ega! Lá essas coisas de realismo e romantismo, historias... Um lyrio é tão natural como um persevejo... Uns preferem fedôr de sargeta; perfeitamente, destape-se o cano publico... Eu prefiro pós de marechala n'um seio branco; a mim o seio, e lá vae á vossa. O que se quer, é coração. E o Ega tem-n'o. E tem faisca, tem rasgo, tem estylo... Pois, assim é que elles se queaem, e, lá vae á saude do Ega!

Pousou o copo, passou a mão pelos bigodes, e rosnou mais baixo:

— E, se aquelles inglezes continuam a embasbacar para mim vae-lhes um copo na cara, e é aqui um vendaval, que ha de a Gran-Bretanha ficar sabendo o que é um poeta portuguez!...

Mas não houve vendaval, a Gran-Bretanha ficou sem saber o que é um poeta portuguez, e o jantar terminou n'um café tranquillo. Eram nove horas, fazia luar quando Carlos subiu para a almofada do break.

Alencar, embuçado n'um capote, um verdadeiro capote de padre de aldêa, levava na mão um ramo de rosas; e agora, guardara o seu Panamá na maleta, trazia um bonet de lontra. O maestro pesado do jantar, com um começo de *spleen*, encolheu-se a um canto do break, mudo, enterrado na gola do paletot, com a manta da mamã sobre os joelhos. Partiram. Cintra ficava dormindo ao luar.

Algum tempo o break rodou em silencio, na belleza da noite. A espaços, a estrada apparecia banhada d'uma *claridade quente que faiscava*. Fachadas de casas, caladas e pallidas, surgiam, d'entre as arvores com um ar de melancholia romantica. Murmurios de aguas perdiam-se na sombra; e, junto dos muros enramados, o ar estava cheio d'aroma. Alencar accendera o cachimbo, e olhava a lua.

Mas, quando passaram as casas de S. Pedro, e entraram na estrada, silenciosa e triste, Cruges mexeu-se, tossiu, olhou tambem para a lua, e murmurou d'entre os seus agasalhos:

— Oh Alencar, recita para ahi alguma cousa...

O poeta condescendeu logo—apesar de um dos creados ir alli ao lado d'elles, dentro do break. Mas, que havia elle de recitar, sob o encanto da noite clara? Todo o verso parece froixo, escutado deante da lua! Emfim, ía dizer-lhe uma historia bem verdadeira e bem triste... Veiu sentar-se ao pé do Cruges, dentro do seu grande capotão, esvaziou os restos do cachimbo, e, depois de acariciar algum tempo os bigodes, começou n'um tom familiar e simples:

Era o jardim d'uma vivenda antiga,
Sem arrebiques d'arte ou flôres de luxo;
Ruas singellas d'alfazema e buxo,
Cravos, roseiras...

— Com mil raios! exclamou de repente o Cruges; saltando de dentro da manta, com um berro que emmudeceu o poeta, fez voltar Carlos na almofada, assustou o trintanario.

O break parára, todos o olhavam suspensos; e, no vasto silencio da charneca, sob a paz do luar, Cruges, succumbido exclamou:

— Esqueceram-me as queijadas!

*Eça de Queiroz.*

## CORREIO DE LISBOA

22 DE JUNHO DE 1888.

N'estes ultimos dias não tem apparecido no parlamento novos incidentes. Actualmente discute-se a lei dos cereaes, mas placidamente.

— O projecto que permitte aos mancebos recrutados em 1887 remirem-se por 50$000 réis, como os de 86 e os comscriptos anteriormente a essa época, vae ser votado. A chegada aqui do sr. Barbosa de Magalhães, illustre deputado por Ovar, resolverá a pendencia, que justa como é, está no animo de todos os representantes da nação. E tanto é verdade o que lhe digo—que o projecto do sr. Barbosa de Magalhães tem o assentimento geral da camara—que na sessão de hoje o sr. Arroio, uzando da palavra, instou para que essa questão se resolvesse sem demora.

— As côrtes foram prorogadas até ao dia 30 de junho e talvez o sejam ainda até 7 de julho.

— O pedido do sr. governador civil d'esse districto para se mandarem levantar os ferros que prejudicam o trabalho da pesca na costa da Torreira foi immediatamente attendido. O mergulhador a quem é commettido esse serviço partirá breve para ahi, para o realizar.

— Houve hontem assignatura real.

— A trasladação dos restos mortaes de Alexandre Herculano, realisase no dia 27, saindo do cemiterio da Azoia em Santarem pelas 11 horas da manhã. Vae buscal-os a commissão executiva do monumento ao illustre historiador, na egreja dos Jeronymos. Da estação de Santa Apolonia até Belem, o prestito deve ser muito concorrido. Depositado o feretro na egreja até o dia seguinte, haverá missa de corpo presente, fazendo o elogio historico de Herculano o grande orador sagrado dr. Alves Mendes. Finda a oração cantar-se-ha o *Libera me* e conduzir-se-ha o caixão para o mausoleu que será benzido n'essa occasião. Como já disse, é celebrante na missa o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaida. A's exequias assistirão todo o mundo official, imprensa e todos os subscriptores para o mausoleu.

Realisou-se hoje, pelo meio dia, no mosteiro dos Jeronymos, a benção da capella onde terão de ser depositados os seus restos mortaes. Seguiu-se a missa, officiando o rev.º prior Henrique de Paiva Nunes Leal e assistindo umas trinta pessoas, entre as quaes vi os srs. Rosa Araujo, Pinheiro Chagas, Luciano Cordeiro, dr. Luiz Sequeira d'Oliveira, director da Casa Pia; Manuel Leandro Valladas, engenheiro que dirigiu as obras da capella; dr. José Maria Borges, juiz da Relação, etc.

A capella, que é nos claustros, tem a seguinte lapide:

Esta capella foi mandada completar pelas côrtes geraes da nação, para ficar sendo o monumento a Alexandre Herculano, sobre proposta do deputado Marianno Cyrillo de Carvalho, em sessão de 22 de março de 1884 e com o auxilio efficaz do ministro das Obras Publicas, Antonio Augusto d'Aguiar. O mausoleu e a estatua do cruxificado foram erigidos por subscripção entre os amigos e admiradores do finado. As obras da capella e do mausoleu foram gratuita e zelosamente planeadas pelo distincto engenheiro Manuel Raymundo Valladas.

O mausoleu tem, n'uma das faces lateraes, o seguinte distico:

Nasceu em Lisbaa, aos 28 de março de 1810.

na face opposta:

Falleceu em Val de Lobos aos 18 de setembro de 1877.

e em frente do altar a seguinte quadra:

Dormir? só dorme o frio
cadaver que não sente
a alma vôa e se abriga
aos pés do Omnipotente.

*A. Herculano.*

Os restos mortaes de Alexandre Herculano devem chegar aos Jeronymos no dia 27, das 4 para as 5 horas da tarde.

No dia 28, ás 11 horas, realisar-se-ha o *Libera me*, a instrumental, dirigido pelo maestro Gaspar.

A *Academia Real das Sciencias* deliberou fazer-se representar na trasladação para o jazigo monumental, que lhe foi erigido nos Jeronymos. Era um dever indeclinavel. A herdeira da antiga *Academia de Historia* não podia faltar a essa homenagem ao maior, ao mais austero e brilhante historiador que tem tido este paiz.

— O sr. Carlos Relvas, que no domingo foi alvo de uma brilhante e enthusiastica ovação na praça de Cintra, fez o seguinte agradecimento:

«O empenho que sempre me acompanha de satisfazer os meus amigos e todos os espectadores que nas corridas de touros me honram com as suas manifestações de generosa sympathia, foi largamente compensado pelo acolhimento que tive na tarde de 17 do corrente, em Cintra. Venho significar a todos que me obsequiaram e distinguiram nas suas benevolas manifestações, a minha mais viva gratidão.

A todas as illustres redacções de jornaes de Lisboa ou das provincias, que me dirigiram phrases de primorosa cortezia e affeição, egualmente agradeço com verdadeira cordealidade.»

— Sua Magestade a Rainha experimentou hontem a magnifica parelha de cavallos, que os srs. Reynolds, lavradores de Extremoz, expozeram e com a qual Sua Magestade deseja ficar.

— El-Rei o Senhor D. Luiz deu ordem para que se comprasse o melhor cavallo reproductor portuguez, que estivesse na exposição.

— Ante-hontem realisaram-se as corridas, com saltos, como estavam annunciadas Foi um atractivo que levou ao recinto da exposição cerca de 10:000 pessoas, pois é este o numero de bilhetes vendidos ante-hontem.

— O sr. conselheiro Elvino de Brito, director geral da agricultura, para commemorar o brilhante exito da exposição pecuaria, offereceu hontem no hotel Universal um jantar a todos os empregados da sua direcção.

— A commissão de remonta adquiriu ante-hontem na exposição pecuaria 10 cavallos para o serviço do exercito. E' pouco relativamente.

— O imperador do Brazil gastou 72:000$000 reis com a sua doença em Milão. O seu amigo Charcot levou-lhe 7:200$000 reis por cada vez que o foi visitar de Paris a Milão. Em gelo gastavam-se 18$000 reis por dia, e em telegrammas para o imperio dispenderam-se 9:000$000 reis.

— Foram nomeados em virtude de concurso, conductores auxiliares de obras publicas de Moçambique, o sr. José Vicente Ribeiro; da fiscalisação da linha ferrea de Lourenço Marques, o sr. Joaquim Maria Monteiro Figueiredo; e desenhador da mesma linha, o sr. Antonio José da Piedade Pinto.

— Reuniu hontem o conselho d'Estado para a sancção de differentes leis, mas não houve numero para funcionar.

— Foi assignada a carta de lei approvando o novo Codigo Commercial.

— Reuniu a junta consultiva do ultramar, tendo tomado posse o sr. Francisco Maria da Cunha, ultimamente nomeado para ella.

— Retirou hontem para o Alemtejo grande parte do gado que figurou na exposição pecuaria. O dos outros districtos vae partir.

— Estão a concurso as igrejas: do Beiral de Lima, no concelho de Ponte do Lima; da Assumpção de Castello Branco, no de Mogadouro; de Castello de Viegas, no de Coimbra; das Duas Igrejas, no de Miranda do Douro; de Dume, no de Braga; de Freiriz, no de Villa Verde,; de Lageosa, no da Guarda; de Nogueira do Cravo, no de Oliveira de Azemeis; de Penajoia, no de Lamego; de Pombal, no de Coimbra; de S. Thiago de Riba d'Ul, no de Oliveira de Azemeis; de Sediellos, no da Regoa; e de Villa Boa, no de Sabugal.

— Foi promovido a engenheiro o machinista-ajudante sr. Pedro Pinto Mercês.

— Foi preso Manuel dos Santos ou Maximiniano, estabelecido na Mealhada, por queixa de haver roubado a um hospede do hotel Viziense uma bolsa com dinheiro.

— Fugiu hoje do presidio militar do castello de S. Jorge o soldado n.º 158 da administração militar, que se encontrava alli preso.

— A'manhã reune o conselho de Estado para a sancção de leis.

— Tem passado mal o sr. ministro da marinha. S. ex.ª ha muito que guarda o leito.

— Hoje, pelas 9 horas da manhã, apresentou-se inesperadamente no arsenal da marinha o sr. D. Luiz. El-rei dirigiu-se ao gabinete do superintendente, d'onde saiu pouco depois, a visitar a corveta *Bartholomeu Dias*, que se acha no dique. A corveta deve sair provavelmente ámanhã, ás 2 horas da tarde, do dique, seguindo depois para a sua amarração.

— Os srs. condes de Valença, que foram passar alguns dias á sua formosa vivenda de Ribamar, tencionam em breve partir para as Caldas do Gerez.

— Excede a duzentos o numero de requerimentos feitos ao ministerio da guerra, por officiaes das diversas armas, pedindo adiantamentos para serem pagos no decorrer do futuro anno economico.

— O sr. Rodrigues de Carvalho, presidente da camara dos deputados, vae ser elevado ao alto cargo de par vitalicio.

sr. c
molog
Vienna,
mo um d
da actualid

— Foi a
to auctorisand
cessão feita par
Portugal e as col
cas aos srs. Sousa
para a companhia d
tugueza, por elles cons

— Partiu hoje no co das 4 horas para Coimbra o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso Corte Real, que alli vae para assistir ao acto de formatura de seu filho mais novo.

— Foram postos na sala das sessões da Associação Commercial os bustos de Fontes Pereira de Mello e Antonio Augusto de Aguiar.

— O tenente sr. José Fumega, director das cadeias da Relação do Porto, já concluiu as suas visitas ás cadeias, penitenciaria, e estabelecimentos identicos.

— Diz-se que foram mandados prestar serviço na alfandega do Porto os verificadores srs. Arthur Seguier, Frade de Almeida, Filippe Nery e Manuel Pinheiro, e transferidos para Lisboa os srs. Sebastião Saldanha, Camara Leme, Eduardo Avila e Carlos de Mendonça.

— Foram nomeados delegado em S. Thomé, o sr. Manuel Pereira Pimenta de Souza Castro, e 2.º pharmaceutico de Angola, o sr. Adelino Simões Guia.

Y.

# ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS


## ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro, e cartorio do escrivão Dias da Silva, no inventario a que se procede por obito de Antonio Marques Rebello, da Oliveirinha, vão á praça por deliberação do conselho de familia para pagamento de dividas, no dia 8 do proximo mez de julho, por 11 horas da manhã, no Tribunal Judicial da comarca, os seguintes predios pertencentes ao mesmo casal inventariado:

Uma terra lavradia sita na Quinta da Paiva, no valor de 95$000 reis.

Uma terra lavradia sita no Alcaide, no valor de 96$000 reis.

Um pinhal no Valle da Horta, no valor de 75$000 reis.

Um pinhal na Ucha, no valor de 60$000 reis.

Uma vinha no Valle da Horta, no valor de 18$000 reis.

Ficam citados todos os credores incertos do cazal para assistirem á arrematação, querendo.

Aveiro, 15 de junho de 1888.

O escrivão interino,
*Antonio Dias da Silva.*

Verifiquei—*A. Cortesão.*

## ARREMATAÇÃO

NA comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão Nogueira Junior e em virtude de execução hypothecaria que Thomaz José Garcia, da cidade de Lisboa, move contra Manuel da Silva Vida e mulher, do Boco, vão á praça no dia oito do proximo mez de julho, por dez horas da manhã, no Tribunal Judicial d'esta comarca, as propriedades seguintes:

Umas casas, pateo e quintal, no sitio do Boco, que parte do norte com rua publica, do sul com herdeiros de Luiz Gonçalves, nascente com Manuel Dias Mardo e do poente com rua publica, no valor de 170$000 reis.

Uma leira de pinhal e pouzio no Valle do Boco, que parte do norte com matriz d'agua, do sul com a Gandara, do nascente com João José Ferreira e poente com herdeiros de Miguel Freire Fragoso, no valor de 60$000 reis.

Uma leira de pinhal e matto no sitio da Estrada, parte do norte com herdeiros do Nicho, snl com herdeiros de José Freire Simeiro, do nascente com estrada publica e do poente com José Martins Facão, no valor de 25$000 reis.

Uma terra e pouzio com intesta de pinhal no sitio do Boco, que toda ella parte do norte com caminho publico, sul com serventia publica, nascente com herdeiros de Domingos Ferreira e poente com José Moreira Moisés, no valor de 80$000 reis.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos que se julguem com direito ao producto da arrematação.

O Escrivão Substituto
*Fernando Ribeiro Nogueira Junior.*

Verifiquei—*A. Cortesão.*

## ARREMATAÇÃO

A irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de S. Pedro de Pardilhó, concelho de Estarreja, deliberou arrematar o douramento e pintura de dois altares co-lateraes da egreja da mesma freguezia.

As propostas devem ser em carta fechada e entregues até ao dia 18 do proximo mez de julho. As condições da arrematação já se acham na sacristia da egreja ou casa das sessões da mesma confraria.

Pardilhó, 17 de junho de 1888.

O Secretario
*Antonio Joaquim Valente d'Almeida Junior.*

## Curso completo de francez

HENRIQUE da Cunha lecciona francez na sua casa da rua dos Tavares todas as noites desde as 7 ás 9, por preços razoaveis.

Ensina pelos novos methodos a fallar e escrever.

Para os artistas ha tambem leccionação apreços convencionaes.

CONTRA A DEBILIDADE

*Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro*

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

**A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.**

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de Saude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Dède, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis.*»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa dôce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

*G. de Montavaz.*»

—

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

*H. de Mouthonis.*»

—

Quatro vezes mais nutriente do que a carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.a LIMITED

*Depositos*—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.a, 127, rua de Mousinho da Silveira.

# EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

## NUMERO TELEPHONICO 168

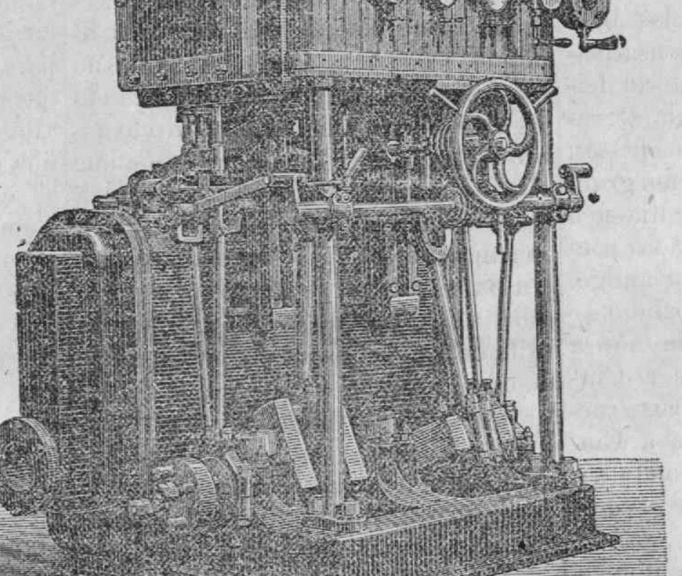
# CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

## CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

*Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.*

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS PELO DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHEA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

**PAPIER WLINSI** Remedio soberano paraa cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D.R FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos Contra a Falta de appetite. Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY.—Depositos em todas as principaes Ph.as

PILULAS DE BLANCARD DE IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo PARIS

1853 1855

Estas pilulas, em que acnão-se reunidas as propriedades do Iodo e do Ferro, convém especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios, etc.*), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na Chlorosis (*pallidez das meninas não menstruadas*), a Leucorrhea (*fluores brancos ou fluxo alvo*), a Amenorrhea (*Menstruação nulla ou difficil*), a Tisica, a Syphilis constitucional, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras Pilulas de Blancard, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. *Blancard*

Pharmacª em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

# GRANDE BAIXA DE PREÇOS

**A COMPANHIA FABRIL SINGER**

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

## MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

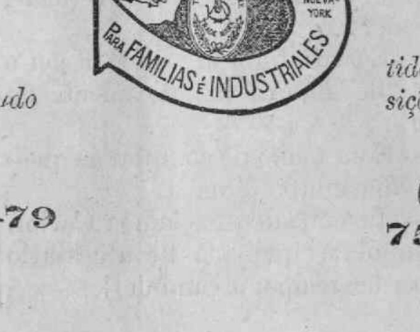
TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

*Peçam o novo catalogo que se ha publicado*

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

**75-Rua de José Estevão-79**

AVEIRO




## A PRESTAÇÕES

DE

## 500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

**LANÇADEIRA OSCILLANTE**

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.

*As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.*

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

**COMPANHIA FABRIL SINGER**

**75-Rua de José Estevão-79**

AVEIRO

**DIRECÇÃO**

DAS

## OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

ESTRADA DISTRICTAL N.º 37 DE LAMEGO A ENTRE-OS-RIOS

LANÇO DA PONTE DE CAMINHAS Á ESTRADA REAL N.º 40

## ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 8 do proximo mez de julho pelas 10 horas da manhã, na Administração do Concelho de Castello de Paiva e perante o respectivo Administrador serão recebidas propostas distinctas em carta fechada para as ssguintes empreitadas parciaes:

N.º 1—Terraplenagens completas do perfil O a 119, na extensão de 1:168m,0
BASE DE LICITAÇÃO 2:490$440 REIS

N.º 2—Idem do perfil 119 até ao fim, na extensão de 2:168m,0
BASE DE LICITAÇÃO 3:269$000 REIS

N.º 3—Muros de supporte com 1:056m.c.,5 d'alvenaria de pedra secca; 97m.c.,5 d'alvenaria ordinaria e 168m.c.,0 d'abertura de cavoucos
BASE DE LICITAÇÃO 1:144$000 REIS

N.º 4—Construcção completa d'um pontão no perfil 17
BASE DE LICITAÇÃO 455$000 REIS

N.º 5—Construcção dos aqueductos do lanço, com 152m.c.,8 d'alvenaria ordinaria, 20m.c.,7 de lagedo e 61m.c.,0 d'abertura de cavoucos
BASE DE LICITAÇÃO 324$000 REIS

A carta fechada, que cada concorrente aprensentar, deverá conter:

1.º Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação;

2.º Documento de competencia para a execução do trabalho;

3.º Documento de ter feito o deposito provisorio de 2 1/2 por cento da base de licitação;

4.º Proposta do preço, fechada em sobrescripto.

As peças do respectivo projecto e as condições especiaes d'estas empreitadas estão patentes na administração do concelho de Castello de Paiva, na secretaria da Direcção e na da 1.ª secção em Aveiro.

Aveiro, 18 de Junho de 1888.

O Engenheiro Director
*Casimiro d'A. de Sousa Menezes.*

**DIRECÇÃO**

DAS

## OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

ESTRADA DISTRICTAL N.º 37 DE LAMEGO A ENTRE-OS-RIOS

RAMAL ENTRE A PONTE DE CAMINHAS E AS PROXIMIDADES DE VARZIELLA DE CIMA (FIM DO LANÇO)

## ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 8 do proximo mez de julho, pelas 12 horas do dia, na Administração do Concelho de Castello de Paiva e perante o respectivo Administrador serão recebidas propostas distinctas em carta fechada para as seguintes empreitadas parciaes:

N.º 1—Terraplenagens entre os perfis 0 a 99 na entensão de 1:323m,0
BASE DE LICITAÇÃO 2:941$000

N.º 2—Idem entre perfis 99 até ao fim, na extensão de 1:946m,0
BASE DE LICITAÇÃO 3:288$000 REIS

N.º 3—Muros de supporte, com 2:903m.c.,0 d'alvenaria de pedra secca; 310m.c.,0 de alvenaria ordinaria e 440m.c.,0 d'abertura de cavoucos
BASE DE LICITAÇÃO 2:259$000 REIS

N.º 4—Construcção completa do pontão no perfil 46
BASE DE LICITAÇÃO 1:138$000 REIS

N.º 5—Aqueductos de differentes typos, com 279m.c.,4 d'alvenaria ordinaria; 36m.c.,0 de lagedo e 137m.c.,0 d'abertura de cavoucos
BASE DE LICITAÇÃO 497$000 REIS

A carta fechada, que cada concorrente apresentar, deverá conter:

1.º Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação;

2.º Documento de competencia para a execução do trabalho;

3.º Documento de ter feito o deposito provisorio de 2 1/2 por cento da base de licitação;

4.º Proposta do preço, fechada em sobescripto.

As peças do respectivo projecto e as condições especiaes d'estas empreitadas estão patentes na administração do concelho de Castello de Paiva, na secretaria da Direcção e na da 1.ª secção em Aveiro.

Aveiro, 18 de Junho de 1888.

O Engenheiro Director
*Casimiro d'A. de Sousa Menezes.*

DAVID CORAZZI, EDITOR

DECIMO VOLUME DA

BIBLIOTHECA UNIVERSAL ANTIGA E MODERNA

## O LIVRO DOS SNOBS

POR

TACKERAY

*(celebre escriptor inglez)*

Versão offerecida aos snobs portuguezezes de todas as classes, idade e sexos

N'esta obra teem todos os leitores a certeza de encontrar o retrato dos outros e quasi todos o seu retrato proprio.

A obra consta de 2 volumes e devide-se em 50 capitulos. Preço de cada volume 100 reis. A' venda o primeiro volnme, o segundo sahe brevemente. Vende-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

BAPTISTA DINIZ

## OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

*Preço*.......... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE



TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO